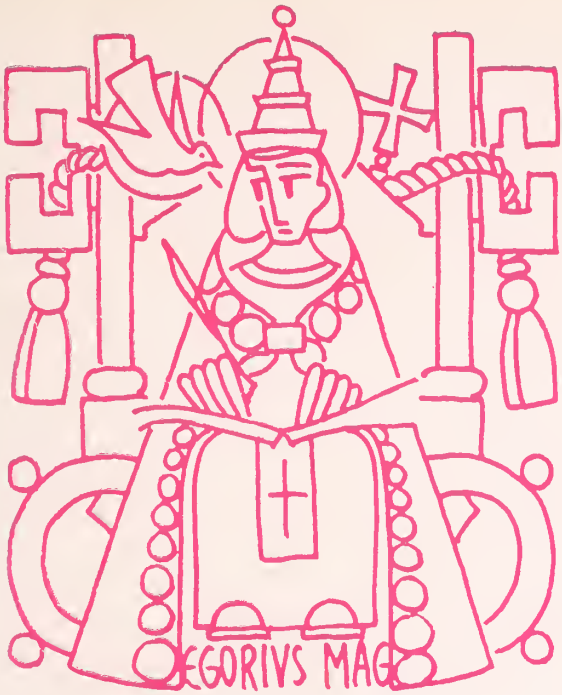
LIBRARY OF PRINCETON
MA
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian4241inst



1988

Revista GREGORIANA

NOVEMBRO 24 DEZEMBRO
1957 ANO IV

INSTITUTO PIO X
DO RIO DE JANEIRO

INFORMAÇÕES
sôbre a
REVISTA GREGORIANA do INSTITUTO PIO X do RIO DE JANEIRO

(Reg. n.º 864)

(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes
Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant)

DIREÇÃO:

IRMÃS DOMINICANAS

COLABORADORES:

Os Monges de Solesmes — França.
Os Monges do Mosteiro S. Bento do R. de Janeiro.
Os Padres Dominicanos.
Auguste Le Guennant — Diretor do Instituto Gregoriano de Paris.
Revmo. Pe. Jean Bihan — Vice-Diretor do Instituto Gregoriano de Paris.
Henri Potiron — Professor do Instituto Gregoriano de Paris.
Revmo. Pe. José M. de A. Penalva, C. M. F.
Dr. Andrade Muricy — da Academia Brasileira de Música.
Dr. Amoroso Lima — da Academia Brasilcira de Letras.
Revmo. Irmão Ático Rubini — Marista.
Irmãs Dominicanas

★ — Tudo que se refere à REDAÇÃO ou à ADMINISTRAÇÃO (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc....) deve ser endereçado à Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO, Rua Real Grandeza, 108 — Centro Social Feminino — Botafogo, RIO DE JANEIRO.

★ — ASSINATURA ANUAL (Janeiro a Janeiro). — Por enquanto, tiragem bimestral. — Para o Brasil: Cr$ 100,00. — Para o Estrangeiro: Cr$ 120,00. — Número avulso: Cr$ 15,00. — Número atrazado: Cr$ 20,00. — Mudança de endereço: Cr$ 2,00.

Depósito: INSTITUTO PIO X, Livraria "Lumen Christi", Livraria "Vozes Ltda" e Confederação Católica Arquidiocesana do Rio de Janeiro.

★ — A REVISTA GREGORIANA é enviada, por direito, aos Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.

★ — Roga-se que tôda a correspondência com o INSTITUTO PIO X, seja sempre acompanhada de "um sêlo para a resposta".

★ — Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretora do INSTITUTO PIO X — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro.

★ — Inscrevam-se como Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferências, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxílio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:

Sócio Titular — CR$ 120,00 por ano;
Sócio Protetor — CR$ 200,00 por ano;
Sócio Fundador — CR$ 500,00 por ano;
Sócio Benfeitor — CR$ 1.000,00 por ano... ou mais

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO.

Sl. 146, 1

SALMO 62

TEMA do próximo número: *MÉTODO WARD*

SUMÁRIO

"Como a terra ressequida, tenho sêde..." — por D. Estevão Bettencourt, O.S.B..... 4

Estilo verbal e modalidade — por Pe. Jean Jeanneteau 18

Sugestões para uma teologia missionária — por René Girault 28

2.º Livro de Canto Gregoriano — por Ir. M. Rose, O. P. 36

Vida do Instituto Pio X 41

Direitos de propriedade reservados para todos os desenhos.

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

Nossos Votos de Santo Natal

estão contidos nesta oração:

Senhor Jesus, que eu me conheça e Vos conheça.
Nada desejo senão a Vós.
Que me odeie e que Vos ame,
Tudo faça por Vosso amor.
Que me humilhe e Vos exalte,
Pense sòmente em Vós.
Morra eu a mim e viva em Vós,
De Vós receba tudo que suceder.
Que me persiga e que Vos siga,
Desejo sempre seguir-Vos.
Fuja de mim, em Vós me refugie,
Para merecer Vossa defesa.
Tema por mim, tema a Vós.
E esteja entre Vossos eleitos.
Desconfie de mim, em Vós confie,
Obedeça por Vosso amor.
A Vós sòmente me apegue,
Seja pobre por Vosso amor.
Olhai-me para que Vos ame,
Chamai-me para que Vos veja,
E eternamente goze de Vós.

(St°. AGOSTINHO)

Como a terra ressequida,

TENHO

"Contra hanc (charitatem) aures claudere non novit, qui illam dedit. Securus esto. Charitas rogat.

Ao amor não pode fechar os ouvidos Aquêle que deu o amor. Está tranqüilo tu. E' o amor quem roga".

(S. Agostinho, In 1 Jo tr. 6,8).

SÊDE

Sl. 62,2

O Salmo 62

assaz freqüente na recitação do Ofício Divino, de certo modo faz eco ao Sl 41, analisado no último número (23) da "Revista Gregoriana". E' o que justifica sejam as reflexões seguintes dedicadas àquele cântico, cântico da alma sequiosa de Deus e, por isto mesmo, **virginal**.

* * *

O Sl 62 é, por seu título (v.1), atribuído "ao rei Davi, quando estava no deserto de Judá". A indicação, porém, é rejeitada por bons exegetas, que, entre outros argumentos, citam o v. 12: alude ao Rei como a terceira pessoa, da qual o hagiógrafo parece distinguir-se. Baseado nesta observação, um dos últimos comentadores católicos do Saltério, G. Castellino (1), propõe a seguinte hipótese:

O Sl 62, tanto pelas circunstâncias históricas a que alude, como pela sua forma literária, parece ligar-se ao Sl 60 como complemento. O Sl 60 e 62 seriam obra de um oficial do exército de Israel que se viu obrigado a chefiar uma campanha militar contra inimigo longínquo, fora dos confins do reino teocrático. Bem sucedido em suas primeiras investidas (cf. Sl 60,4.6), pede ao Senhor lhe conceda completo triunfo (vv. 2s), triunfo que constituirá para o seu rei sinal de proteção divina e penhor da subsistência perene do trono (vv. 7s) (2). Tal seria o conteúdo do Sl 60. — O Sl 62 descreveria o íntimo da alma do salmista quando experimentou os primeiros efeitos da proteção divina: longe como estava de Jerusalém, concebeu profunda nostalgia do Templo sagrado; desejaria poder entrar sem demora na Casa de Deus, a fim de Lhe dizer sua gratidão e seu amor; era, sim, no Templo que os israelitas julgavam obter o contato mais íntimo com Deus. Destarte o Sl 62 seria uma expressão de anelo muito vivo, concebida em circunstâncias análogas às dos Sl 41/42. Por falta de critérios seguros, não se poderia indicar nem o nome do hagiógrafo nem a época em que viveu.

Tal reconstituição do quadro histórico não carece de probabilidade. Pode-se, porém, admitir teoria mais simples: deixe-se de lado a suposta ligação do Sl 62 com o Sl 60; aquêle então poderia ser entendido como o cântico de um levita exilado (como estava o autor do Sl 41) e sequioso de rever o Templo do Senhor em Jerusalém; a época e a região em que escreveu, permanecem incertos para o exegeta moderno. E' possível que o salmo tenha sofrido retoques, a fim de ser atribuído a David refugiado no deserto durante a perseguição de Saul (cf. I Sam 22-24); o título (v. 1) e os vv. 11s seriam as expressões dessa acomodação tardia (3).

Numerosas outras hipóteses têm sido propostas para reconstituir as as circunstâncias de origem do Sl 62. Seria temerário optar categòricamente por qualquer das mesmas. A questão, aliás, não tem grande influên-

---

(1) Libro dei Salmi. Torino 1955, 171-176.

(2) A menção do rei em lamentações individuais (como é o Sl 62) parece depender de uma regra de estilo antigo: nos hinos da literatura mesopotâmica anterior a Israel, encontram-se preces pelo monarca intercaladas em meio a súplicas de um fiel aflito. Por exemplo, em uma oração a Istar se lê: "Istar, ao rei Amiditana, rei que te ama, concede longa e duradoura vida" (texto transcrito do comentário de Castellino 175).

(3) Cf. Tournay-Schwab, Les Psaumes, em "La Sainte Bible" (de Jérusalém). Paris 1955, 252s.

cia sôbre a exegese do texto sagrado, contanto que se admita que o hagiógrafo se achava longe da Cidade Santa e do Templo, movido por ardente desejo de os rever.

O conteúdo do Sl 62 não apresenta concatenação de idéias muito rígida, pois é ditado primàriamente pelo afeto. Podem-se, não obstante, distinguir nessa peça as duas seguintes atitudes de oração:

2-9 — protesto de **amor ardente ao Senhor:** "Senhor, tenho sêde de Ti no exílio em que me acho (vv.2-3), pois para mim viver é amar a Ti e cantar a tua grandeza (vv.4-5); és a alegria de minha alma e o primeiro objeto de meus pensamentos (vv.6-7); és o meu amparo (vv.8-9)";

10-12 — profissão de **confiança em Deus**, que não abandonará nem o autor sagrado nem o rei teocrático na luta presente.

Aludindo às horas noturnas no v.7 e às da madrugada (na tradução grega do v.2), o Sl 62 foi tradicionalmente considerado como fruto de meditação noturna do salmista ou de um anelo concebido aos primeirs albores do dia. Entre os cristãos, desde remota antigüidade faz parte do Ofício ou da prece da manhã; as Constituições Apostólicas, por exemplo, (coleção de normas e textos litúrgicos do séc. 4.º) o chamavam **ho órthrinos**, a prece da aurora (8,37) e o prescreviam à aurora de cada dia (2,59). No séc. 4.º S. Anastásio ("sôbre a virgindade"), São Basílio (epist. 63), São João Crisóstomo (In Ps 140,1) fazem alusão a êste uso. Hoje o Sl 62 figura no Ofício de Laudes do domingo, exprimindo as disposições de ânimo do cristão que no silêncio da noite considerou mais desimpedidamente a bondade de Deus. Inspirado pelo amor, êste cântico só poderá ser devidamente entendido e repetido por quem deveras ama; é o que São Bernardo (†1153) lembra:

"O amor fala por tôdas as estrofes dêste cântico, e, se alguém deseja adquirir o conhecimento daquilo que lê, ame. Quem não ama, em vão propõe-se ouvir ou ler algum cântico de amor, pois o coração frio não pode em absoluto ser receptáculo da palavra inflamada. Assim como aquêle que não conhece o grego não entende a quem fala grego, e aquêle que não é latino não compreende a quem se exprime em latim, assim a língua do amor, para quem não ama, é língua bárbara" (4).

Semelhantes expressões de amor a Deus encontram-se, fora do Sl 62, nos salmos 35, 8-10 e 72, 16-19. — Ter o pensamento dia e noite voltado para o Senhor, viver exclusivamente para Êle, eis o têrmo a que tende a piedade profunda. Seja, pois, a recitação do Sl 62, freqüentemente repetida na presença de Deus, o sacramento que mereça aos cristãos as graças de uma vida cada vez mais unida ao Único Necessário.

"Tais são os homens quais são os seus respectivos amores. Amando a Deus, tornamo-nos como Deus; amando o mundo, merecemos o nome de mundo. Se amas o século, absorver-te-á; costuma devorar, e não carregar, aquêles que o amam. Acautela-te para que não te deleite sorrateiramente Babilônia e esqueças Jerusalém" (5).

---

(4) "Amor ubique loquitur, et si quis horum quae leguntur, cupit adipisci notitiam, amet; alioquin frustra ad audiendum legendumve amoris carmen, qui non amat accedit, quoniam omnino non potest capere ignitum eloquium frigidum pectus. Quomodo enim graece loquentem non intelligit qui graecum non novit, nec latine loquentem qui Latinus non est, sic lingua amoris ei qui non amat, barbara erit" (O S. Doutor tem em vista diretamente o Cântico dos Cânticos).

(5) "Tales sunt homines quales sunt amores. Amando Deum efficimur dii, amando mundum dicimur mundus. Amas saeculum, absorbebit

I. AMOR SEQUIOSO : 2-9

2. **"Ó Deus, és o meu Deus; com ardor Te procuro.**
De Ti minha alma tem sede!
Por Ti minha carne se consome,
Semelhante à terra mirrada e sequiosa,
Carecente de água!"

Como não poucos cânticos sagrados, também o Sl 62 se abre com a invocação do nome de Deus ('Elohim) a qual põe em relêvo imediato o objeto que mais prende a atenção do salmista.

"És o meu Deus". Não se entenda esta frase como pleonasmo. Provàvelmente o versículo estava originàriamente assim concebido: **"Javé**, és o meu Deus" (6). A troca de "Javé" por "Eloím" se explicaria por ter sido o Sl 62 tardiamente incorporado à coleção "eloística" do saltério, ou seja, ao grupo de salmos em que se designa "Deus" pelo apelativo "Eloím" de preferência a "Javé" Sl 41-82). Como quer que seja, o salmista deseja de início realçar o vínculo íntimo que o prende a Javé ou ao Deus revelado a Moisés: é o **seu** Eloím ou o **seu** Deus; o que quer dizer:... o **seu Tudo**, a sua razão de viver. Esta afirmação explica o fervor da prece subseqüente.

"Com ardor Te procuro". Longe da Cidade Santa e do Templo, o autor julgava-se de certo modo afastado de Javé, e êste afastamento se lhe tornava tanto mais penoso quanto mais sabia ser Javé o seu tudo. Espontâneamente a alma que se ache distante do objeto de seu amor, põe-se à procura dêle e não repousa enquanto não o encontre.

O verbo hebraico **'ashahareka** se deriva do substantivo **shahar**, aurora; significa "ser matinal na procura de..., procurar desde cedo" ou, derivadamente, "procurar com presteza, com grande solicitude". A tradução grega dos LXX e a Vulgata latina entenderam o verbo no seu sentido etimológico, originário: "**desde a aurora** Te procuro" (7). Esta interpretação, embora não corresponda ao uso mais comum da palavra, está bem na linha de pensamento do salmista.

Seguem-se várias expressões que repetem o mesmo anelo sagrado.

"De Ti minha alma tem sêde". A imagem da sêde, que ocorre também no início do Sl 41, era talvez sugerida ao hagiógrafo pelo fato de se achar em lugar árido e deserto, experimentando contìnuamente a sêde física; o texto hebraico no fim do v. 2 oferece, sim, as duas variantes: "como (**ke**) terra ressequida" e "em (**be**) terra ressequida" (8).

---

te; amatores suos vorare novit, non portare. Vide ne incipiat te delectare Babylonia et obliviscaris Jerusalem" (S. Agostinho; não pudemos identificar a fonte precisa).

(6) Como se sabe, Javé (= Aquêle que é) é o nome com que Deus houve por bem revelar-se ao povo de Israel; é, portanto, apelativo derivado estritamente da espiritualidade judaica, ao passo que **'Elohim** de maneira mais geral designa Deus.

(7) O mesmo verbo ocorre em tôda a riqueza de seus matizes em Is 26,9:

"Minha alma Te deseja durante a noite,
E meu espírito Te **procura** dentro de mim".

(8) Demos preferência à primeira variante, porque quadra com o contexto independentemente de qualquer hipótese sôbre as circunstâncias em que o salmo teria sido composto. Além disto, é corroborada pelo texto paralelo do Sl 142,6: "Como terra ressequida, minha alma suspira por Ti".

Paralelamente ao espírito, o autor menciona a carne que desfalece (9), anelando por Deus. Os dois hemistíquios (10) se completam, designando o homem todo. Assim como doente é o organismo que não sinta fome e sêde, assim também doente é o cristão que não experimenta fome e sêde de Deus ou da vida em Deus. É o que leva os mestres espirituais a reputar sinal de saúde sobrenatural a insatisfação da alma que, reagindo contra suas imperfeições, deseje maior fidelidade ao Senhor, mais íntima união com o Pai do céu. Ser sequioso de Deus é muito mais normal e "tranqüilizador" para o cristão do que estar "tranqüilamente" satisfeito com o seu estado de alma. Infelizes aquêles que não têm consciência das suas lacunas espirituais e, por isto, não as procuram suprir!

"A Deus desagrada ver-nos contentes com ínfimos bens, já que está pronto a dar os valores supremos; Êle quer entregar-Se a nós de modo excelente" (11).

Alguns comentadores, a propósito do v. 2, lembram profunda verdade: geralmente a carne manifesta tendências opostas às do espírito; no salmista, porém, a carne aspirava por Deus, juntamente com a sua alma. Tal era o fruto do sofrimento; o hagiógrafo atravessava justamente uma fase penosa, que, purificando-o de suas concupiscências desregradas, o tornava varão "de uma só peça":

"A carne, que por tendência inata é contrária ao espírito e o costuma desviar do culto de Deus, quebrada que seja e debilitada por calamidades freqüentes, entra em paz com a alma e junto com esta procura a Deus àvidamente" (12).

É, sem dúvida, pelo sofrimento generosamente abraçado que o homem se torna mais homem, mais uno, mais marcado pelos valores eternos.

"Feliz aquêle que... padece por amor do Filho de Deus, de sorte que não murmure em seu coração, mas ao contrário tenha nos lábios ação de graças e louvor! Quem assim se levanta, toma o seu leito e vai para casa. O nosso leito é o nosso corpo, no qual outrora jazíamos doentes, servindo aos nossos desejos e concupiscências. Agora, porém, carreguemo-lo, obrigando-o a obedecer ao espírito" (13).

3. **"Assim no santuário desejo ver-Te,**
A fim de contemplar o teu poder e a tua glória".

O advérbio inicial reafirma as disposições enunciadas no versículo anterior. O desejo do salmista traduz-se de maneira bem precisa: quisera contemplar a Deus no Templo de Jerusalém; era, sim, entre os querubins da

---

(9) O verbo **kamah** só ocorre nesta passagem, na Sagrada Escritura. A raiz árabe correspondente tem sentido bem concreto: "ser pálido, ter a vista fraca".

(10) "Hemi-stíquio" = meio-verso.

(11) "Deus satis aegre fert nos minimis esse contentos, cum summa dare paratus sit; cupit enim seipsum excellentissimo modo nobis tradere" (Ludovico Blósio, † 1566, Institutio spiritualis 5).

(12) M. A. Flaminius, In librum Psalmorum brevis explanatio 1557. Cf. H. Lesêtre, Le livre des psaumes. Paris 1928, 292.

(13) O estilo de S. Bernardo é tecido de reminiscências da S. Escritura, mais perceptíveis ainda no original latino do S. Doutor:

"Felix qui passiones corporis sui propter iustitiam ordinat, ut quidquid patitur, propter Dei Filium patiatur; quatenus et a corde tollatur murmu-

Arca da Aliança que, segundo a Lei, Javé costumava manifestar-se ao seu povo (14). Penetrar na Casa do Senhor, portanto, equivalia, na imaginação vivaz dos israelitas, a "ver a Face de Deus"; a sinonímia, por mutio estranha que nos pareça, insinuava algo do misterioso plano de Deus a respeito da sorte final do homem (15).

O verbo **hazitika** (de **hazah**, ver) está no perfeito; por isto é também traduzido por "vim contemplar-Te", o que supõe a estada do salmista em Jerusalém. Tal interpretação não condiz com as circunstâncias em que parece ter sido composto o Sl 62; além do que, sabe-se que o perfeito hebraico admite o sentido optativo: "Ó possa eu contemplar-Te!" (16).

4. "Pois mais vale o teu amor do que a vida (mesma) (17); Os meus lábios Te louvam".

O v. 4 contém a motivação dos anelos anteriores: para o salmista, amar a Deus tem mais valor do que a própria vida no corpo mortal; não há dúvida, é pela adesão total a Deus que o homem vive a sua verdadeira vida, vida **sobre**-natural. Para se perceber o significado profundamente religioso dêste versículo, faz-se mister lembrar a mentalidade do judeu antigo: segundo os israelitas, a vida no corpo era o bem fundamental, que possibilitava conhecer e amar a Deus; julgavam que, separada do corpo após a morte, a alma caia em estado de torpor e semi-consciência; por isto tinha a longevidade como sinal de bênção divina. Ora eis que o hagiógrafo distingue entre "possuir a Deus" e "levar vida longa e feliz neste mundo"; sabe optar incondicionalmente pelo seu Senhor, mesmo que isto lhe custasse a perda de todos os demais bens. Tal atitude implica, sem dúvida, uma intuição mística fora do comum dentro do ambiente do Antigo Testamento. — Ao cristão talvez seja mais familiar a opção professada pelo salmista; êle tem consciência da riqueza infinita que Deus depositou em sua alma pelo santo batismo; ainda que todos os bens visíveis lhe sejam arrebatados, o justo não se perturba, ciente de que o Bem Maior ou Único de modo nenhum se lhe subtrai; é o que lembrava S. Agostinho a um de seus amigos prostrado pela doença:

"Restaura o teu ânimo, irmão caríssimo em Cristo; nosso Deus nem perece para os seus, nem faz perecer os seus; quer apenas lembrar-nos quão frágeis e incertos são êsses bens que os homens muito amam, a fim d que rompamos o vínculo da cupidez pelo qual nos atraem e prendem,

---

ratio et in ore versetur gratiarum actio, et vox laudis. Qui sic extulit se, iste tollit grabatum suum, et vadit in domum suam. Grabatum nostrum corpus est, in quo prius languidi iacebamus servientes desideriis et concupiscentis nostris. Nunc vero portamus illud, cum spiritui oboedire cogimus, et mortuum nostrum portamus, quia corpus mortuum est propter peccatum." (S. Bernardo, serm. feriae IV Hebdoma. maioris).

(14) Cf. Êx 25,18-22; 29, 42s; 33,7-11; Lev 1,1.

(15) Cf. Revista Gregoriana 23 (1957) pág. 13.

(16) Cf. M. Buttenwiser, The Psalms chronogically treated with a new translation. Chicago 1938; G. Castellino, Salmi 177.

(17) A tradução dos LXX e a Vulgata latina dão a ler "vidas" em vez de "vida", por seguirem literalmente o modo de falar hebraico, conforme o qual os nomes que exprimiam duração eram geralmente usados no plural.

e façamos convergir todo o nosso amor para Aquêle de quem nenhum mal temos a receiar" (18).

"Os meus lábios Te louvam". Breve frase que conclui a motivação, dando lugar à complacência em Deus e à adoração. Estas espontâneamente prorrompem na alma que se lembra do Senhor; é realmente impossível ao cristão pensar recolhidamente em Deus sem que, depois de certo tempo, se veja obrigado a parar para reconhecer, às vêzes num silêncio mais eloqüente do que as palavras, a grandeza do Criador:

"Não Te louvariam os meus lábios se não me precedesse a tua misericórdia. É em virtude de um dom teu que Te louvo, é por efeito de tua misericórdia que Te louvo. Eu não poderia louvar a Deus se Êle não me fizesse o dom de O poder louvar" (19).

Assim o final do v.4 exprime a atitude serena e contemplativa em que o Sl 62 deve ser cantado; faz bem à alma voltar sua atenção para Deus e desejá-Lo acima de tudo; é isto que deveras repousa e enaltece o homem.

5. **"Louvar-Te-ei durante tôda a minha vida;**
Levanto ao céu as minhas mãos para (proclamar) o teu nome".

A perspectiva do salmista se dilata: a atitude momentânea de louvor se protrairá por todo o resto de sua existência.

"Levantar as mãos ao céu" era gesto clássico do orante no Antigo Testamento; haja vista a atitude de Salomão por ocasião da dedicação do Templo, em 3 Rs 8,23.54. Os judeus, como bem se entende, não estendiam os braços em cruz (uso cristão), mas os erguiam ao alto (cf. Sl 27,2; 118,48; 140,2; 142,6; Êx 9,29.33; Jó 11,13; Eclo 51,19; Is 1,15s). Ao passo que o gesto dos cristãos se deve evidentemente à reminiscência da cruz de Cristo, a atitude dos israelitas se explica por um fator muito psicológico: as mãos são, como já reconhecia o filósifo grego Aristóteles (20), uma das expressões características da racionalidade do homem; é por suas mãos que êste muitas vêzes exprime a sua natureza inteligente (os animais irracionais não tem mãos como o ser humano, mas os seus membros anteriores lhes servem de patas). Levantar, pois, as mãos com as palmas abertas para o céu indica vivamente a elevação da alma, com sua inteligência e seu afeto, ao Deus Altíssimo; esta elevação pode exprimir concretamente ou um anseio ou um oferecimento ou a atitude de receptividade do orante. Tal gesto é tão espontâneo que parece ter estado em uso entre os homens da pré-história, afirmam certos estudiosos das cavernas pré-históricas; certamente era

---

(18) "Erige itaque animum, frater in Christo carissime; Deus noster nec perit a suis, necperdet suos; vult autem monere nos quam sint haec fragilia et incerta, quae nimis diligunt homines, ut solvamus ab eis vinculum cupiditatis, per quod implicatos nos trahunt, et totum amorem nostrum consuefaciamus in eum currere, in quo nulla damna timeamus" (epist. 244,2).

(19) "Non te laudarent labia mea, nisi me praecederet misericordia tua. Dono tuo te laudo, per misericordiam tuam te laudo. Non enim ego possem laudare Deus, nisi mihi donaret laudare se posse" (S. Agostinho, In Ps 62,13).

(20) De anima III 8.

praticado pelos antigos povos civilizados (21). Nos inícios da Igreja, o costume continuou em vigor; São Paulo o recomendava aos cristãos em 1 Tim 2,8. É particularmente significativo o seguinte episódio ocorrido no séc. 4.º: alguns discípulos perguntaram certa vez ao Abade Macário do Egito († cêrca de 390) como deveriam orar; ao que êle respondeu: "Não é preciso pronunciar muitas palavras, mas erguer as mãos e dizer: 'Senhor, como queres e como sabes, compadece-te'" (22). Aos poucos, prevaleceu entre os cristãos o uso de estender horizontalmente os braços em memória da Paixão do Senhor; não sòmente por sua atitude íntima, mas também por seu aspecto exterior, o cristão procura destarte reproduzir perante o Pai a figura do Filho bem-amado, do Orante por excelência; é Tertuliano (séc. 3.º) quem o explica:

"Não sòmente levantamos as mãos, mas também as estendemos (horizontalmente) para que, configurando-nos à Paixão do Senhor, confessemos o Cristo também na oração" (23).

6. **"Minha alma se sacia como que de gordura e miolos,**
E meus lábios exultantes fazem ouvir palavras de louvor".

A primeira metade do verso tem colorido fortemente oriental. Os favores divinos derramados com exuberância sôbre os fiéis são tradicionalmente simbolizados na Escritura pela imagem da gordura e dos miolos; êstes são óbvios sinais de abundância e bem-estar; além do que, eram reputados alimentos deliciosos no Oriente (cf. Dt 32,14; Jer 31,14; Is 25,6; 55,2). O salmista no v. 6 entendia o consumo de gordura e miolos em sentido evidentemente desfigurado, visando exprimir o deleite e a alegria que o Senhor Deus por seus múltiplos benefícios lhe proporcionara (24).

E êsse júbilo interno prorrompia em palavras de louvor...

7. **"Ó, quando me recordo de Ti no meu leito,**
Passo as vigílias da noite a pensar em Ti".

A união com Deus, não raro comparada ao respiro da alma, deve mais e mais tornar-se a segunda natureza do cristão, ou seja, o motivo inspira-

---

(21) Sejam apenas citados os seguintes tópicos:
Na antiga linguagem de Sumer (4.º milênio a. C.) o verbo **su-il-la** ou **su-il-la-kam**, orar, significava pròpriamente "levantar as mãos".
No Egito o hieroglifo que significava "louvor", representava um homem com as mãos estendidas.
Entre os romanos, refere Tito Livio que, quando as matronas romanas ouviram a notícia de que se aproximava Hanibal, "puseram-se a percorrer os templos dos deuses,... dobrando os joelhos e estendendo as mãos com as palmas abertas para o céu — circa deum delubra discurrunt..., nexae genibus, supinas manus ad coelum tendentes" (XXVI 9,7s).
Ampla documentação se encontra em Th. Ohm, Die Gebetsgebaerden der Voelker un das Christentum. Leiden 1948, 251-267.
Está claro que o estoicismo panteísta, identificando Deus com a natureza e o próprio homem, não podia conceber nem justificar a oração de braços erguidos; é o que atesta Séneca: "Não se levantem as mãos ao céu... Deus está próximo de ti, está contigo, está em ti" (epist. 41,1).
(22 Apoftgmas dos Pais, ed. Migne gr. 65,269.
(23) De oratione 14.
(24) Nos sacrifícios cruentos do Antigo Testamento, a gordura e os miolos da vítima, considerados partes de escol, eram reservados a Deus só e queimados sôbre o altar dos holocaustos; cf. Lev 3,17; 7,22-25.

dor de tôdas as suas ações. Por isto é com espontaneidade crescente que o pensamento do orante se volta para o Senhor; principalmente nas horas noturnas dá-se isto, horas em que a agitação das coisas sensíveis parece cessar e a alma mais desimpedidamente se pode aplicar ao seu Autor. **São as noites que geram os dias dos justos**; a noite pode, sim, comparar-se ao princípio feminino, materno, em que o homem de Deus restaura as energias não sòmente do corpo, mas também da alma, a fim de viver mais realmente os seus dias. Enquanto o mundo externo se cala, êle procura fazer igualmente o silêncio em seu íntimo para se concentrar mais puramente no Bem Máximo, que é Deus. A conduta do justo, portanto, respeita carinhosamente as alternativas de dias e noites; as suas noites, na medida do possível, constituem um autêntico hiato imposto ao afã do trabalho diurno; não, porém, um hiato comodista, entorpecido no sono nem um hiato preenchido por divertimentos mais ou menos mórbidos, mas um hiato intensamente vivido à luz de mundo mais pujante e de valores mais reais, que são os bens eternos; é de noite que por excelência o justo procura viver em Deus e de Deus. Por isto a tradição monástica até nossos tempos prescreve aos Religiosos rigoroso silêncio nas horas noturnas; por isto também os mestres da vida espiritual aconselham aos fiéis que vivem no mundo, observem o recolhimento que as horas de repouso inspiram. Sejam nossos dias filhos de nossas noites,... continuação e expressão de nossas noites, e não vice-versa; caso se invertam os papeis, não pode deixar de se tornar lânguida a vida do cristão:

'Aquêle que não pensa em Deus, quando goza de ócio, como pensará em Deus ao agir? Quem, porém, se lembra de Deus quando se acha tranqüilo, n'Êle meditará ao agir, a fim de não fracassar em sua atividade" (25).

Levado espontâneamente a pensar no Senhor, diz o salmista que esta recordação chega a se prolongar pelas vigílias a dentro, ou seja, pela noite inteira. Seguindo um costume oriental, os judeus no Antigo Testamento dividiam a noite em três vigílias, estendendo-se a primeira do pôr do sol à meia-noite; a segunda, da meia-noite ao primeiro canto do galo; a terceira, do canto do galo ao nascer do sol (cf. Êx 14,24; Mc 13,35) (26).

8. **"Pois és o meu amparo;**
E à sombra de tuas asas exulto".

Revolvendo em mente os favores recebidos de Deus, o orante trepida em tôda a sua natureza ou exulta, como por vêzes se lê no saltério (cf. Sl 15,7.9; 50,10; 83,3). Sente-se protegido como a avezinha sob as asas maternas. Esta última imagem, graciosa como era, tornou-se cara à tradição bíblica, sendo não raro associada à metáfora da pupila dos olhos, que todo homem costuma defender com o máximo carinho; cf. Sl 16,8; 35,8; 60,5; 90,4. No Deuteronômio a história do êxodo, epopéia típica da existência de Israel, é compendiada sob êsse duplo símbolo:

---

(25) "Qui quando otiosus est non cogitat Deus, in actionibus suis cogitare potest Deus? Qui autem memor eius est quando quietus est, in ipso meditatur cum agit, ne in actione deficiat" (In Ps 62,15).

(26) Tardiamente, porém, sob a influência dos romanos, adotaram a divisão da noite em quatro vigílias; cf. Mt 14,25.

"Êle (Javé) encontrou (Israel) em terra deserta,
Na solidão, em que ressoavam uivos selvagens.
Êle o cercou, educou e preservou
Como a pupila de seus olhos.
À semelhança da águia que estimula os seus filhotes
E voa pairando sôbre a ninhada,
Assim o Senhor abriu as asas e tomou Israel,
Carregou-o sôbre suas penas;
O Senhor só o guiou".

(Dt 32,10-12).

A história da metáfora se prolonga no santo Evangelho, onde Jesus diz a seu povo ter desejado continuar a lhe dispensar tal carinho, sem, porém, encontrar acolhimento (cf. Mt 23,27). A tradição cristã deu ulterior desenvolvimento e riqueza ao símbolo; com efeito, ainda hoje a Liturgia interpela o Senhor Jesus como "o Caridoso Pelicano" (27), o que em grande parte se deve à autoridade de S. Agostinho:

"(O pelicano) nasce nos desertos, principalmente às margens do Nilo, no Egito... Que se diz, que se lê a respeito do pelicano?... Diz-se que o casal, com golpes de bico, mata os filhotes, e durante três dias pranteia as vítimas em seu ninho; a seguir, a mãe inflige a si mesma um ferimento profundo e derrama seu sangue sôbre a ninhada; esta, assim aspergida, ressuscita. Talvez seja isto verdade, talvez falso. Caso, porém, seja verdade, podeis ver como se aplica Àquele que nos vivificou com seu sangue" (28).

Com as ressalvas que a crítica lhe inspirava, S. Agostinho não quis deixar de aproveitar a "história" do pelicano para ilustrar muito vivamente a conduta do Redentor em relação aos homens. Feliz o cristão que, continuando a piedade do salmista, se deixa recobrir pelas asas e nutrir pelo sangue do Bom Pelicano!

9. "A minha alma adere a Ti,
E a tua direita me sustenta".

A idéia de aderir, amoldar-se totalmente a Deus representa o auge das efusões de fidelidade até aqui propostas. O versículo, porém, fala de dois movimentos recíprocos: como o salmista se entrega absolutamente a Deus, Êste da sua parte lhe estende a destra, a sua proteção poderosa e

---

(27) "Ó pio Pelicano, Jesus, ó meu Senhor, / Que me lave das culpas / Teu sangue salvador, / Do qual uma só gôta / Ao orbe universal / Pode tornar isento / Da pecha criminal" (Hino eucarístico).

(28) "Primo quid sit pelicanus, dicendum est. Nascitur in solitudinibus, maxime Nili fluminis, in Aegypto... Quod dicitur, vel etiam legitur de hac ave,... non taceamus... Dicuntur hae aves tamquam colaphis nostrorum occidere parvulos suos, eosdemque in nido occisos a se lugere per triduum; postremo dicunt matrem seipsam graviter vulnerare et sanguinem suum super filios fundere, quo illi superfusi reviviscunt. Fortasse hoc verum, fortasse falsum sit; tamen si verum est, quemadmodum illi congruat, qui nos vivificavit sanguine suo, videte" (In Ps 101,8).

A imagem do pelicano cujo sangue caridosamente derramado faz reviver a ninhada morta, foi explorada com carinho pela arte medieval em vitrais, iluminuras, quadros, etc. Cf. E. Mâle, L'art religieux au XIIIe. siècle en France 10s 175.

benigna. Aderindo a Deus, o orante se torna uno, ou seja, perfeito, à imitação de Deus; a verdadeira piedade tende necessàriamente a nos assemelhar a Deus: "Haereamus Uni fruamur Uno, permaneamus unum... cum religionis summa sit imitari quem colimus" (29).

II. CONFIANÇA EM DEUS: 10-12.

10. "Quanto aos que procuram perder a minha vida,
Cairão nas profundezas da terra.
11. Serão entregues ao fio da espada,
Tornar-se-ão a prêsa dos chacais".

Segundo a mentalidade israelita, o salmista é o amigo de Deus e representa a causa dos que servem fielmente ao Senhor; os inimigos, portanto, do hagiógrafo são tidos como adversários de Javé e da justiça. É o que explica a linguagem veemente e as imprecações com que os autores dos salmos se referem a seus perseguidores; êles se julgam envolvidos numa luta que ultrapassa seus interêsses pessoais e que é primàriamente a luta do Reino de Deus contra o reino do pecado e das trevas; entre êsts dois contendentes é claro que não há paz possível; a causa do "três vêzes Santo" não tolera, nem poderia tolerar, o mínimo pacto com o mal.

Justamente por se saber identificado com a causa da justiça, o autor sagrado prediz a ruína daqueles que o querem exterminar. Não prevalecerão contra Deus; ao contrário, ir-se-ão para as "profundezas da terra"; o que quer dizer: serão vítimas de morte prematura, a qual os fará passar para a região escura e silenciosa dos mortos, que os judeus julgavam estar localizada debaixo do solo, em subterrâneos. A abreviação da vida era, sim, um dos mais eloqüentes sinais de maldição divina; cf. Sl 54, 16; 138,15.

O extermínio dos maus se dará, conforme o v. 11, por ação da espada (30) em campo de batalha, onde os infelizes ficarão insepultos, a esmo dos animais selvagens (o que significa o pior de todos os castigos; cf. Is 18,6; Jer 7,33). Os chacais não eram raros no Oriente, agrupando-se em bandos, que à noite faziam incursões em lugares abandonados a fim de captar a sua prêsa.

Não se pode deixar de reconhecer o contraste das atitudes expressas pelos nove primeiros versículos e a parte final do Sl 62. Pannier e Renard querem explicá-lo negando a unidade da peça literária: os vv. 10-12 seriam uma estrofe de um dos chamados "salmos do Rei" (cânticos que exaltam o monarca de Israel e por êle oram, como, por exemplo, os Sl 19 e 20); haveriam sido compostos independentemente dos vv. 1-9 e aglutinados a êstes, ocasionando um conjunto de elementos destoantes entre si (31). Contudo não é necessário recorrer a tal hipótese para explicar o contraste; êle se entende assaz bem no temperamento de um oriental, sempre fogoso em seus afetos e assaz familiarizado com as transições bruscas, principalmente quando se exprimia em poesia. Além disto, verifica-se que as mais ardentes expressões de louvor e fidelidade a Deus no saltério são por vêzes seguidas

---

(29) As duas frases são de S. Agostinho. Não pudemos averiguar a proveniência exata da primeira; a segunda é da obra **De civitate Dei** 8,17.

(30) A espada como instrumento do castigo divino ocorre igualmente em Jer 18,21; Ez 35,5.

(31) Les Psaumes, em "La Sainte Bible" de Pirot-Clamer V. Paris 1950, 347.

de veementes protestos contra os adversários do Altíssimo; amor a Javé e ódio a tudo que contrariava ao Senhor se evocavam mùtuamente na alma dos cantores de Israel; tenham-se em vista, por exemplo, os Sl 100, 103 e 138, em que os versículos finais se dirigem contra o pecado e seus avanços, após fervorosas afirmações de adesão a Deus.

12. **"O rei, porém, se regozijará no Senhor;**
Todos os que juram por seu nome se gloriarão,
Ao passo que será fechada a bôca dos que proferem mentiras".

O salmista volta por fim sua atenção para o Rei de Israel e o triunfo que obterá após a luta presente. A menção do monarca justificava-se por ser êle o representante por excelência do Reino de Deus outrora identificado com o povo de Israel. Vitorioso, o Rei atribuirá sua exaltação a Javé; de tal triunfo participará o povo fiel, ligado ao soberano por juramento, enquanto os representantes do mal serão definitivamente frustrados em seus desígnios. — A promessa de bênção final para os justos é conclusão mais de uma vez decorrente no saltério; cf. Sl 3,9; 5,13; 63,11.

Pergunta-se em nome de quem (ou por invocação de quem) seria feito o juramento mencionado no v. 12. Do ponto de vista gramatical, é lícito no caso supor tanto o Senhor como Rei. Na realidade, a questão tem pouca importância, pois a causa do monarca era, na mentalidade dos israelitas, de tal modo identificada com a de Javé que não raro juravam simultâneamente "pela vida de Javé e pela vida de meu Senhor o Rei"; cf. 1 Sam 25,26; 2 Sam 11,11; 15,21 (em Gên 42,15 o Patriarca José jura mesmo pela vida do Faraó).

* * *

Em conclusão, o Sl 62 vem a ser uma efusão de amor a Deus cantada no regime da fé ou na penumbra da vida presente. A fim de melhor perceber todo o seu significado, comparemo-lo ainda a dois cânticos semelhantes, que são os Sl 41/42 e 83.

Os Sl 41/42 exprimem o anelo da **corça sedenta no deserto**, ou seja de um justo que, exilado em ambiente hostil, é escarnecido como se seu Deus não existisse; mais do que nunca então experimenta o desejo de "comparecer ante a Face de Deus", isto é, de possuir o Senhor de maneira perfeita e definitiva.

O Sl 62 não é tanto o cântico do justo perseguido; fala menos dos tormentos do degrêdo; apenas nos vv. 10-12 menciona adversários, os quais, porém, não perturbam a paz e o otimismo do autor sagrado. Todavia êste se acha distante do santuário ou da contemplação direta de Deus, e a esta aspira com tôdas as fibras do seu ser, à semelhança de **terra ressequida**. O Sl 62 é assim a prece do cristão pôsto nas circunstâncias ordinárias da vida cotidiana; a tôda hora, mas principalmente durante o silêncio da noite e da madrugada, êle tende a dizer ao seu Deus que aspira por contemplá-Lo face a face!

Por fim, o Sl 83 já não se refere a perseguidores; é o cântico da **rôla que pousou no seu ninho** (cf. v.4) ou a prece jubilosa do peregrino que, após árdua caminhada, chegou finalmente ao santuário de Jerusalém e provisòriamente goza da contemplação da "Face de Deus". E' destarte o salmo das horas tranqüilas (horas breves e fugazes) desta vida, em que é dado ao cristão repousar-se um pouco mais desembaraçadamente no Se-

nhor: "Meu coração e minha carne exultam ao encontro do Deus vivo!" (Sl 83,3). O Sl 83 completa assim a tríade ascensional.

No meio da trilogia, ou seja, no âmago da oração cotidiana dos fiéis, ficará sempre o Sl 62:

"No santuário, portanto, apareçamos a Deus, a fim de que Êle apareça a nós; apareçamos-Lhe em santo desejo, a fim de que nos apareça no poder e na glória do Filho de Deus. A muitos Êle não apareceu; estejam no santuário, para que também a êles apareça" (31).

---

(32) "Ergo in sancto appareamus Deo, ut appareat nobis; appareamus illi in sancto desiderio, ut appareat nobis in potentia et gloria Filii Dei. Multis enim non apparuit; sint in sancto, ut appareat et illis" (S. Agostinho, In Ps 62,11).

Domine Iesu,

Noverim me, noverim te;
Nec aliquid cupiam nisi te.
Oderim me, et amem te;
Omnia agam propter te.
Humiliem me, exaltem te.
Nihil cogitem nisi te.
Mortificem me, et vivam in te.
Quæcumque eveniant accipiam a te.
Persequar me, sequar te;
Semperque optem sequi te.
Fugiam me, confugiam ad te;
Ut merear defendi a te.
Timeam mihi, timeam te;
Et sim inter electos a te.
Diffidam mihi, fidam in te,
Obœdire velim propter te.
Ad nihil afficiar nisi ad te,
Et pauper sim propter te.
Aspice me, ut diligam te;
Voca me, ut videam te,
Et in æternum fruar te. Amen.

S. AUGUSTINUS

ESTILO VERBAL

e

MODALIDADE

NA PEDAGOGIA DO CANTO GREGORIANO, a palavra latina é objeto de estudo sério. Centraliza-se na acentuação. Desejaríamos estudar aqui a contribuição da palavra latina para a estética gregoriana; e o faremos não por seu sentido, mas por sua unidade rítmica e seu efeito na composição modal. Algumas conclusões poderemos tirar dêste conhecimento em relação à interpretação do Canto Gregoriano, o que justifica o título dêste trabalho: "Estilo verbal e modalidade".

I. — UM POUCO DE LÓGICA RÍTMICA

O acento evoca a sílaba final. Fala-se muito sôbre acento tônico da palavra latina, sôbre seu caráter ársico, sua intensidade viva, seu calor, sua independência do ictus. Mas será que se fala muito sôbre a final (1) das palavras? Examinando tudo que sabemos sôbre a palavra, concluiremos que, se quisermos fazer bom estudo sôbre o acento tônico, devemos estudar também a final. E a estudaremos tanto quanto o acento tônico, pois a lógica rítmica o requer necessàriamente.

Dizemos que o acento é a *arsis* da palavra; logo, após esta arsis, existe, em boa lógica rítmica, a *thesis complementar* : esta thesis é a final. Pràticamente, falando no levantamento ársico do acento, precisamos também falar na *deposição tética da final*. Tratando do *ritmo da palavra*: não basta, portanto, estudar só o acento tônico — é preciso acrescentar o estudo *da final que fecha êste ritmo*. Talvez se fale demais sôbre a intensidade do

(1) Neste artigo tôdas as vêzes que nos referirmos à "final", estaremos designando a sílaba final das palavras.

acento e não bastante sôbre sua *virtude ársica;* fale-se demais sôbre a doçura da final e não bastante sôbre sua *virtude tética,* causa de sua doçura; fale-se demais sôbre expressão nuançada e não bastante sôbre o ritmo.

Quando falamos em acento — *alma da palavra* — é, porque visamos a palavra em sua entidade, em sua unidade; é porque esperamos dizer e cantar "uma" palavra, e não uma sucessão qualquer de sílabas. Isto nos indica que falamos muitas vêzes sôbre o acento e não bastante sôbre a palavra; sôbre a virtude ársica do acento e não bastante sôbre sua virtude unificante. Quando falamos sôbre a *unidade da palavra,* devemos acrescentar que ela *se fecha, termina, se perfaz na final.*

Falamos sôbre o *sentido da palavra,* de um agrupamento inteligente de sílabas; não é a final que vem terminar a palavra "significante", antes que ela se ligue à seguinte? Não basta, portanto, sòmente acabar a palavra pronunciando a última sílaba, mas é preciso acabá-la *rítmicamente* e dar a impressão de que alguma coisa se termina e vem de se unificar.

Êste aspecto técnico da final, êste papel finalizante, unificante, é, aliás, o objeto de um princípio solesmiano, visto como no recitativo, quando se procura saber onde colocar os ictus, começa-se procurando as finais, onde os ictus são sempre, de modo geral, mais eficientemente, melhor colocados; mas, para dar verdadeiro valor a êste princípio, é preciso ver qual é o seu fundamento e não fazer dele simples receita de contagem.

Logo, a final é importante, e, lògicamente, é necessário levá-lo em conta. Poder-se-ia, paralelamente ao acento tônico, escrever tôda uma gramática sôbre a sílaba final. Esta gramática seria tão importante quanto a do acento tônico e seria firmada na do acento tônico; não do acento pelo acento, mas do acento pela palavra e, logo, seria fato de igual importância para o estilo. Esta gramática que se impõe necessária por *lógica rítmica,* em breve veremos sua maior necessidade no tocante ao estudo musical.

Não cuidamos de uma sílaba isolada, mas sim da palavra ra; com efeito, é a palavra inteira que é reconhecida e ritmada, e é esta a finalidade dos nossos estudos sôbre o acento tônico. Digamos, porém, será que em nosso canto procede-se desta maneira? Confessemo-lo simplesmente: a experiência do ensino e das Semanas de Estudo, audição dos coros, a lista dos progressos visados em nossas gramáticas não nos permitem responder afirmativamente; sem dúvida, sabe-se muita coisa, mas a atenção por demais exclusiva dada a certos pormenores impede muitas vêzes que se remonte até os princípios do estilo, do grande ritmo.

Logo depois do capítulo sôbre o acento tônico, seria necessário sempre vir o capítulo sôbre a final, e êste capítulo deveria ser *orientado imediatamente* para a prática, para o verdadeiro estilo gregoriano.

Com esta crítica — simples constatação — desejaria trazer um pouco de luz pedagógica para aqueles que pensam, sem ingenuidade, que o nosso ensino nunca é perfeito e que o estudo sincero, junto à experiência, sempre melhora. Nada sacrificamos, pelo contrário, exaltamos o acento tônico quando o justificamos, colocando-o em seu lugar e estudando sua ação até suas verdadeiras fronteiras: desde a *arsis* até a *thesis* que lhe é necessária para que o ritmo seja completo. A final, com efeito, não é uma sílaba simplesmente portadora de melodia e afogada na corrente musical: a final é o fim da palavra, fecha-lhe a unidade, termina a palavra e o ritmo unificante da palavra. A final é necessária para êste acabamento: ela é o lugar desta finalização e o seu instrumento. Sendo a *arsis*, o acento não pode vir sòzinho no ritmo: que seria uma *arsis sem thesis?* Uma espécie de impulso sem finalidade, apenas desagradável e artificial. Tudo isto parece evidente, mas os princípios enunciados acima, ilustrando lògicamente o caráter tético da final, vão ser breve ainda mais justificados e alargados.

II. — OS FATOS MUSICAIS

A. O instinto verbal do compositor gregoriano.

O que pensa o compositor da idade de ouro gregoriana? Êle, fala o latim: esta língua lhe é familiar; firmemos bem em princípio que, por assim dizer, êle possui o ritmo do latim "no sangue", e mesmo porque visto ser êle artista-compositor profissional, mais do que outros ainda, possui êste ritmo no sangue, e nele percebe, *mais do que os outros, tôdas as finezas que lhe são verdadeiramente instintivas*. O musicista latino, quando cantava estas palavras familiares não podia deixar de utilizar sua rítmica interna: para êle, o conhecimento desta língua não é sòmente a compreensão do sentido das palavras e o hábito do seu emprêgo gramatical — lógica e estilística — mas também o sentido do ritmo das palavras, de sua unidade rítmica e, na sucessão das palavras a compreensão de um equilíbrio ritmado. Aliás, esta cultura rítmica-verbal, esta facilidade de emprêgo quase instintiva, o musicista a tem evidentemente mais sensível do que qualquer outro: êle - músico, isto é, mais sensível às exigências rítmicas, jamais sacrificará esta rítmica de base, esta melodia

de uma língua familiar. Ela é para êle o substrato rítmico da composição.

Para êle a sílaba final será verdadeiramente, não sòmente a última sílaba de uma palavra, mas a sílaba que termina a palavra em seu ritmo, sua unidade, seu sentido; necessàriamente o musicista diz e canta a palavra com tôdas as suas virtualidades rítmicas, levantando o acento tônico e depondo a final como a thesis que fecha o ritmo da palavra: uma final, para êle, tem quase sempre — salvo mui raras exceções — o papel de uma thesis, mas de uma *thesis verbal*, de uma *thesis na palavra*. Êle não pode cantar de outra maneira: sente necessidade de dizer a palavra como um ritmo, arsis — thesis, pois do contrário não saberá fazer-se compreender, operando a demolição rítmica natural, do encadeamento normal das palavras e do sentido da frase: *mira fília* não é *mirabília; justi gementes* não é *justificantes; oráte frates* não é *oratiónes*. (1)

Nada do que aprendemos foi sacrificado, mas tudo se encontra coordenado, alargado e colocado ao serviço da arte musical e da verdadeira espiritualidade.

B. Tratamento melódico e rítmico da final das palavras

Depois de havermos verificado que o compositor latino não podia fazer outro modo que cantar intuitivamente o ritmo da língua latina, e com o máximo de finura, abramos nosso livro de canto (tomando as peças da boa época) e julguemos o que êle compôs. Partamos do que sabemos, do que ensinamos clàssicamente. E verificaremos:

a) que o acento tônico está no levantar do ritmo;

b) que a melodia que orna o acento tônico é a melodia culminante da palavra.

---

(1) Falamos aqui duma palavra "autônoma", e não de uma palavra que junto de outras por razões gramaticais (**factus est, natus est**) ou lògicas (**vobiscum, laudámus te**), está englobada numa "locução". Não trataremos desta questão aqui, são normalmente ensinados no curso de Canto Gregoriano. Existe grande variedade de formas, mas há muitos casos em que o adjetivo não perde sua individualidade em benefício do todo, em benefício da unidade de uma nova "locução", formada por um adjetivo e um substantivo. **Mira fília** e **mirabília** estão aqui comparadas como exemplos, sem se levar em conta a melodia que poderia ornar estas palavras. No Intróito **Puer**, a palavra **magni** de **magni consilii** é musicalmente autônoma; é o tratamento modal que libera esta palavra e, aliás, vê-lo-emos adiante, faz que ela tenha um papel na marcha modal da peça. No Intróito **Spíritus Dómini, orbem** é uma palavra autônoma libertada: não se deve cantar **orbemter**; olhemos o tratamento modal da final da palavra **orbem**, e não atribuamos à longa que afeta a sílaba inicial de **terrárum** um efeito de thesis.

Inútil insistir sôbre fato tão conhecido. Verificamo-lo fàcilmente , p. ex., no Intróito do NATAL *Puer natus est.*

E' verdade, muitas vêzes verdade: há uma *arsis* no acento, seja por causa da elevação do arco melódico verbal, seja pela libertação do acento no *levantar* do ritmo. Desta dupla verificação deduzamos duas tendências da sílaba final:

a) à final convém o pousar, o ictus. Aplicamos êste princípio, quando ritmamos cantos silábicos, onde não há indicações melódicas nítidas. E quando encontramos uma final no levantar, temos tendência para crer que não está no seu papel, que está um pouco sacrificada; veremos nada disto existir, salvo exceções raríssimas;

b) a final que termina o arco melódico deverá estar em baixo na curva, isto é, num abaixamento melódico, ou ao menos em uníssono com a nota precedente, depois da arsis do acento; vê-se isto claramente no Intróito *Puer*: quando encontramos uma final numa nota mais alta que as precedentes, falamos de "*inversão melódica*", deixando entender que a palavra não está com seu tratamento normal, que seu ritmo está sacrificado. Veremos então que, salvo raríssimas exceções, nada disto se dá.

Observações teóricas sôbre as finais no levantar ou em inversão melódica.

a) Notemos logo que o fato de estarem certas finais no levantar do ritmo não impede que a palavra não possa ter o seu arco melódico habitual, a sua unidade melódico-rítmica, a sua entidade musical: vejamos no Intróito *Puer* a palavra *magni*, a palavra *consílii* (1); têm o arco habitual e também a final no levantar: o ritmo da palavra está respeitado pela final grave.

Verificamos que a *palavra é posta em música* e que seu ritmo natural pode ser respeitado pelo compositor, mesmo quando não achamos a final bastante tética, por não estar no ictus. Seu papel tético é todavia respeitado, mas dum modo puramente melódico, pois a final se abaixa, terminando o ritmo numa forma puramente melódica; recebendo uma nota mais baixa que a precedente, tem por assim dizer *uma pequena thesis puramente* melódica: não obstante, é uma *thesis na palavra;* a palavra se inclina, tem seu repouso mais ou menos definido. Veremos breve que êste próprio abaixamento, êste tratamento melódico da final esconde, no mais das vêzes, outra riqueza e que esta thesis que achamos mínima é, pelo contrário, muitas vêzes de considerável

(1) A palavra **consílii** termina na nota **LA**.

importância; nisto se revelarão o instinto e a arte do compositor. Ve-lo-emos no parágrafo seguinte;

b) quanto às palavras "inversão melódica", indicam uma mudança, uma espécie de contradição, uma exceção ás nossas constatações anteriores ou às nossas idéias provindas de tais constatações. Falamos como duma irregularidade, duma desordem melódica que iria de encontro ao ritmo natural da palavra. Não estaremos enganados? O têrmo *inversão* é um pouco perigoso: engana-nos. Não haveria aí defeito de método, até mesmo um duplo defeito?

1.º Com efeito, se dizemos "inversão", se constatamos a presença do que chamamos "inversão", não seria prematuro concluir que *ritmicamente* existe uma exceção? Dizer "*inversão", é supor um esquema modêlo, ao qual instintivamente nos referimos para julgar os outros casos.* Não deveríamos dizer, pelo contrário, em boa lógica, pensar que estas constatações "anormais", "invertidas" são *também elas* capazes de nos *esclarecer sôbre a composição musical e o uso completo da palavra,* e que, para que nossa teoria seja completa, segura, artística e pedagógica, deve não só constatar êstes casos, mas levá-los em conta *em sua síntese?* Não seria simplificar falar em exceção ou em "inversão", isto é, em anomalia no tocante ao esquema normal sôbre um caso que não é raro e pode, vamos vê-lo, ser explicado nítida e ùtilmente?

2.º O ritmo é independente da ordem melódica; sabemo-lo teòricamente, mas esquecemos de aplicar aqui êste princípio; é um êrro de lógica, bem sutil. Com efeito, consideramos mui grosseiramente a ordem melódica, vendo-a apenas em suas subidas e descidas e não também em sua forma modal: a ordem modal é, também ela, uma ordem melódica, mais escondida, porém, mais arquitetural e, portanto, mais intimamente associada à ordem rítmica; os graus importantes da escala modal estão, cada um à sua maneira, a serviço do ritmo composto, enquanto as pequenas flutuações melódicas locais podem ser apenas o "enchimento" dos tempos compostos.

O instinto modal do compositor gregoriano.

Ora, assim como sabemos que o compositor gregoriano utilisa instintivamente o ritmo da língua latina, também devemos admitir que êle tem também "no sangue" as escalas modais do seu tempo e de sua região, usando delas tão instintiva e finamente como do ritmo verbal. Modalidade e ritmo verbal são para êle duas riquezas *naturais*, fundamento psico-fisiológico

de sua expressão musical. E' êste dado psicológico que esclarece nosso estudo do ponto de vista musical; nossa análise do repertório fica falsificada se esquecermos êstes dois instintos — modal e verbal — do compositor; não se pode pretender esboçar em seguida uma interpretação objetiva se não levamos em conta o estado de alma do compositor, nem os moldes modais e rítmicos nos quais se funde sua inspiração.

Inspirado pelo sentido do texto, o artista gregoriano sabe, melhor que ninguém, *combinar, em ritmo livre, a melodia nativa da palavra com as formas modais de sua época*: as exigências da palavra ritmada e do modo são para êle inseparáveis e sugestivas; abaixo de seu sôpro eloquente, *existe uma rítmica e uma modalidade de base*: *a rítmica da língua latina e a modalidade de sua época e de sua região.* Nada inventemos, mas procuremos encontrar, nos manuscritos e no repertório bem restaurado, o gênio musical e a alma desta época. Havendo *um segrêdo de fabricação, está inscrito nestas fundações rítmicas, verbais e modais.*

Estudo concreto das finais aparentemente "sacrificadas".

a) *final no levantar do ritmo.*

Neste espírito, vejamos as melodias. P. ex., o Intróito *Puer*: encontramos bem o arco melódico de cada palavra, mas encontramos também diversas finais "no levantar": fili*us*, datus *est*, ma*gni*, consíl*ii*.

A palavra *filius* conserva o arco melódico habitual; o pêso tético da final se revela de modo puramente melódico.

Igualmente, encontramos nas outras palavras acima citadas o arco melódico dependente do acento e recaindo na final. Olhemos agora *tôdas* as palavras enumeradas (exceto *filius* em que a melodia bem descendente respeita bastante o ritmo verbal). *Tódas* as notas que afetam as finais no levantar são notas de notável importância modal, "cordas" de efeitos diversos: em *datus* est vai-se *deixar* a corda *RÉ* do 7.º Modo para a sua corda *DO*, mais repousante e que prepara a cadência. A final no levantar tem aqui um efeito modal sutil, sem dúvida, mas real na marcha melódica, na unidade do inciso; esta final prepara a chegada de uma nova corda.

Magni, que termina em *RÉ*, torna a trazer delicadamente a ambiência do 7.º Modo que se havia abandonado nas duas cadências precedentes: o pêso da final, real, influente, instintivo para êste compositor da idade de ouro gregoriana, age de acôrdo

com a trama modal da peça: o 7.º Modo, pelo efeito de uma final, reaparece docemente.

Em *consilii,* oculta-se, pelo contrário, o efeito modal *anterior;* o "protus", no qual a melodia se havia instalado, ainda está um pouco presente, mas agora se apaga e, com duas finais no levantar, dá-se a transposição modal; *graças ao efeito das finais,* há uma espécie de superposição de modos ou de *encaixamento modal.*

Logo, nestes casos chamados "no levantar", *a thesis na palavra ainda existe, e é modal*: o ritmo verbal ainda é *respeitado, mas na composição modal;* a nota cantada na final é normalmente ouvida mais em thesis, repousa, estabiliza, "modaliza", se é que se pode usar esta palavra para exprimir a influência modal.

b) *palavras em "inversão" melódica.*

O conhecimento do instinto verbal e modal do compositor e a averiguação de sua influência no uso das finais no levantar do ritmo nos permitem compreender melhor agora as finais "no ar": esta situação tem, a maior parte das vêzes, uma razão modal e um efeito modal.

O arco melódico pode respeitar a palavra; mas a curva em ascensão pode também dar-lhe refôrço de valor, sem o estragar, quando a ascensão é modal e a curva atinge um patamar, no fim da ascensão, uma corda nova para a qual a final em se repousando, traz o efeito de sua thesis; a melodia se instala em um novo *gráu de repouso mais alto* e aqui *ainda a marcha modal da peça se fará pelas finais.*

Averiguemo-lo nos exemplos seguintes:
as entoações *Viderunt* do Gradual de Natal e *Suscepimus* do Intróito de 2 de fevereiro; Intróito *Laetare* (4.º dom. da Quaresma)... uberi*bus;* Alleluia: *Dominus dixit*... fili*us;* Comunhão In Salutar*i* tuo (21.º dom. ap. Pent.); De*o* da entoação do *Glória* IX; *Christe* XI; último *Kyrie* IX, etc... A modalidade encobre sua marcha pelas finais. E' preciso, pois, examinar a nota na qual a final se exprime: vê-se *muitas vêzes* a final terminar a palavra modalmente e, logo, trazer sua influência tética à marcha modal da peça. Não só a palavra tem sua unidade melódica, porém, o mais das vêzes, sua melodia tem um papel modal, por meio de sua final.

Influência das finais na trama modal.

Notemos agora como modalidade e ritmo composto estão fundidos e não sòmente juxtapostos. Esta fusão, èste acôrdo se

faz não só na final *das frases*, mas freqüentemente no *próprio centro* dos incisos, e *é a palavra, que, trazendo sua música e seu ritmo naturais, opera esta fusão.*

Aparece aí então, preponderante, o papel da final. A final tem um *papel construtivo no tocante ao Modo*, mesmo quando a final está "no levantar", ou em ascensão. A nota que recebe a final é mais influente na arquitetura, porque é a final que a recebe, porque a final aparece ao cantor dos séculos gregorianos carregada do pêso rítmico de uma final que termina o ritmo de uma palavra; *para êste cantor, a final ressôa mais estabilizante, mais estrutural do que para nós.* Ora, de fato, êste pêso, esta influência se exercem em benefício da modalidade: olhando o valor modal destas notas, averiguamos o mais das vêzes que elas concordam com a marcha modal da peça; estas notas são modalmente melhores. E' fácil concluir: na trama modal de uma peça, o papel das finais de palavras é essencial. *Simplificando, poder-se-ia dizer que a modalidade se faz pelas finais*, que elas tocam ligeiramente as notas modais ou nelas se instalam verdadeiramente; o modo se prepara, se afirma, se mantém, e em seguida se esbate pelas finais, e, sempre pelas finais que se colocam nas diferentes cordas, as modulações se preparam, se formam, e em seguida se atenuam numa espécie de encaixamento de modos. Pode-se verificar a aliança entre as finais e a modalidade, a *influência das finais na trama modal*, analisando as peças seguintes: Intr. *Respice* (13.º Dom. p. Pent.), Com. *Tollite* (18.º Dom. Pent.), Intr. *Salus populi* (19.º Dom. Pent.), Intr. *Cibavit* (SSmo. Sacr.), Intr. *Adorate* (3.º Dom. Epif.), Com. *Mirabantur* (3.º Dom. Epif.), Intr. *Puer* (Natal), Alleluia *Laudate Deum* (2.º Dom. ap. Epif.).

Para fazer esta *análise verbal-modal* e compreender a verdade da conclusão acima enunciada, é evidentemente necessário ter um conhecimento aprofundado da modalidade, não sòmente no que diz respeito à análise cadencial, mas também quanto à presença e ao papel das diversas cordas.

Graças a esta análise chegaremos à conclusão de que o papel das palavras na composição gregoriana é quase sempre essencial. As palavras quase não perdem seu poder musical, sua influência melódica e modal. Quando a palavra parece estar superada pela música (caso das inversões melódicas), ainda aí, de fato, é ela, a palavra, que domina, que brilha; ultrapassa suas *aparências melódicas comuns*, mas revela suas virtualidades profundas que o compositor utiliza por instinto. A final termina a palavra: como é que se realiza musicalmente êste efeito? Já foi sentido? Sim, numa espécie de apaziguamento, e êste apaziguamento não é sempre criado fàcilmente por um declive, mas

é também um apaziguamento, que traz, numa ascensão, o repouso numa plataforma, num plano mais largo, mais sólido: é, na ascensão, a procura de uma etapa, e, uma vêz atinginda esta altura, é o comêço de um novo desenvolvimento. O estudo modal nos revela estas "notas-etapas", sólidas, repousantes, arquiteturais; são simplesmente as cordas modais, tão diversas e de múltiplo uso. Quando a palavra revela sua música profunda, revela-a modal; os acentos que jorram mais livremente, que transbordam como a crista das vagas, cantam mais "em música", fora da modalidade, se é que assim nos podemos exprimir; as finais são mais pousadas, mais humildes, menos ousadas, são a causa do equilíbrio do inciso, as vigas principais donde jorrarão as abóbadas de estilo "romano", os ornamentos, as decorações que admiramos; mas o côncavo das vagas ainda é o mar e o movimento que continua.

Não há, pois, conflito entre o texto e a melodia, ou mais precisamente entre o texto e a modalidade; também não há, por esta influência do texto, uma sujeição da música ao verbal, mas uma ocasião de música; por assim dizer, a palavra "fornece a música".

Existe aqui, entre a melodia e o ritmo, uma união e uma interação escondidas e poderosas: *o esfôrço modal contido, moderado pelas finais contribui, com efeito, para o conjunto rítmico.* O ritmo da palavra, a música da palavra trazem assim sua contribuição para a unidade do inciso, no que diz respeito à ordem modal; sendo, pois, de ordem modal traz uma forma profunda, estrutural, visto como se trata da própria hierarquia dos graus melódicos e, logo, finalmente do ritmo composto. Não falamos aqui nem de uma exceção, nem de uma irregularidade, mas da *própria estrutura da composição, no ponto mesmo onde se unem o ritmo da palavra e o instinto modal do artista.*

Texto e melodia, modalidade e ritmo estão aqui associados e, por esta análise, pode-se julgar sôbre as formas e as nuances desta associação, desta união: é preciso falar em "simbiose", podendo esta palavra designar ao mesmo tempo a vida em comum, a unidade íntima, a fusão, a interação e a liberdade de ação mútua. Deve-se ver tudo junto: a palavra e seu ritmo, a modalidade, o ritmo composto, e para ver tudo junto é necessário escrutar o papel das finais. E', pois, um dos segredos da composição gregoriana que a nós se revela nesta união do texto com a melodia, ou seja esta encarnação da palavra na música, em "simbiose".

(*Continua*)

SUGESTÕES para uma TEOLOGIA missionária

AO ATO DE UMA CONVERSÃO implicam-se elementos de natureza bem diversa, que podemos resumir em três principais:

— Em primeiro lugar, **a Graça** todo-poderosa de Deus, cuja interferência faz da conversão, antes de tudo, "esta Justificação de que se ocupam os Concílios" (1) e que as Definições dogmáticas analisam, mas que na realidade escapa à nossa compreensão experimental. Quem de perto estuda os processos de conversão tem geralmnte uma consciência da presença do Sobrenatural, diante de que só se torna possível calar e admirar.

— Em seguida, o **itinerário pessoal do convertido** à fé. Se êsse domínio foi muito pouco explorado na Antigüidade e na Idade Média, êle o tem sido exaustivamente na época moderna, sobretudo de um século para cá, a partir de numerosos relatos de conversões. Além disso, também consideremos que as aquisições da análise psicológica profunda certamente poderão ainda permitir descobertas que interessem à psicologia religiosa e à teologia do ato de fé visto do lado do sujeito.

— Há, por fim, um último elemento (ao qual, centralizados em sua história interior pessoal, pouco lugar oferecem os depoimentos dos convertidos): é o que se poderia chamar **condicionamento exterior** por meio de que se realiza a **apresentação do Cristianismo**. Ainda poderia ser considerado como o **papel da Igreja** que por si mesma se apresenta e das mais diversas maneiras possíveis. E' fator essencial em uma conversão "Como se converteriam, se não houvesse Pregador?" (2), cujo influxo manifesta de certo modo a atividade da Igreja em seu aspecto missionário.

O estudo atento dêste último fator — isto é: da conversão vista, não do lado do convertido, mas na perspectiva da Igreja que o chama — não poderia de fato sugerir algumas orientações às pesquisas ainda hesitantes

(1) **Hugon:** "La notion théologique de la psychologie de la convertion" (Revue Thomiste; juillet-septembre 1919, p. 226).
(2) **Rom.** X, 14.

da Teologia Missionária? Sem dúvida, a Teologia Missionária, sob certo aspecto, mal existe. Excetuando-se alguns trabalhos recentes e limitados (3), pode-se dizer que por enquanto a Missiologia só deu lugar a estudos de ordem pastoral ou canônica (4), o que leva alguns a duvidar da possibilidade de uma Teologia da Missão (5), como se os teólogos fôssem incapazes de tirar do "dogma revelado" indicações relativas aos trabalhos missionários e os abandonassem ao engenho apenas dos missionários guiados pelo Espírito Santo. Mas, por outro lado, a história nos mostra que muitas vêzes a Teologia se constituiu a partir de circunstâncias da vida da Igreja. E' de fato extremamente notável que a noção de um dever missionário, ainda que de maneira bem clara enunciado por Cristo na Ascensão, só se tenha feito conscientemente aceitar pelos Apóstolos, e da mesma maneira integrar-se ao preceito do Cristo, sob a pressão dos acontecimentos. No decorrer das controvérsias sôbre a questão de saber se o Evangelho deveria ser anunciado também aos pagãos, na realidade os Apóstolos jamais se referiam ao preceito de Cristo ordenando a Evangelização até as extremidades do mundo. Só em presença de certos fatos (como êste: os gentios recebem o Espírito Santo?) os Apóstolos aos poucos compreenderam a exigência e a urgência daquele preceito (6). Não é uma lição e a intuição de um método que aí se encontra?

Eis, por isso, nosso propósito: ao analisar as conversões, essas felizes apresentações do Cristianismo, privilegiados campos de ação do trabalho missionário, procurar destacar algumas intuições, a partir das quais uma referência à Escritura ou à Tradição suscitará êsse diálogo das fontes teológicas e da vida, de onde pretendemos tirar o esbôço de uma Teologia Missionária.

E' cheia de dificuldades que uma tal emprêsa se apresenta inicialmente. Torna-se necessário encontrar convertidos de todos os meios. Encontrá-los, não apenas por ser uma conversa direta infinitamente mais evocadora que uma narrativa remota, mas também porque a própria perspectiva da pesquisa (do ponto de vista da Igreja que se apresenta) não é aquela que em geral tomam os convertidos absorvidos pela lembrança de seu iti-

---

(3) Cf. **Perbal:** "Premières Leçons de Théologie Missionnaire" (Bibliothèque de l'Union Missionnaire du Clergé; 1935) — **P. Charles, S.J.**, "Dossiers de l'Action Missionnaire" (éd. Bruxelles; 1938) — "Missiologie" (col. La sphère de la Croix, éd. du Seuil 1946). Para uma bibliografia mais detalhada, ver **A. Rétif:** "Pour étudier la Théologie Missionnaire" (em "Prêtes Diocésains", décembre 1951).

(4) Dos séculos que se seguiram aos grandes descobrimentos, encontrar-se-á dificilmente uma meia dúzia de estudos consagrados pelos teólogos à questão das Missões, e alguns sôbre problemas locais mais particulares (v.g. "Les Indiens sont-ils convertissables"), ou encarados do ponto de vista canônico e moral (v.g. "Privilèges et vertus des Missionnaires"). Ver **P. Charles**: "Dossiers de l'Action Missionnaire", 2.ª edição, 1938, p. 17-18.
As "Semaines de Missiologie", que entusiasmam o P. Charles, se dedicam sobretudo a problemas de ordem pastoral.
Assinale-se, por exemplo, o artigo **Missions** do "Dicionário de Teologia Católica": menos de duas colunas de vagas indicações gerais e doutrinárias, ao lado de 130 colunas consagradas a descrever as Missões.

(5) v.g. **Rabeau:** "Introduction à létude de la Théologie" (Blond et Gay, 1926) — p. 312.

(6) Sôbre tudo isso cf. **Congar:** "Vie de l'Église et Conscience de la Catholicité", em "Esquisses du Mystère de l'Église" (col. "Unam Sanctam" — ed. du Cerf 1914), p. 117 ss.

nerário interior. Importa ainda discernir dos verdadeiros convertidos os que apenas retornam a um Cristianismo já conhecido e por um certo tempo abandonado, e os que ainda não terminaram sua evolução, estando sempre em marcha. E' mais prudente, enfim, desconfiar dos que, refletindo muito sôbre uma conversão já antiga, mais ou menos inconscientemente a modificaram.

Empreendida num plano de trabalho mais vasto (7), essa investigação parece rematar em convergências, bastante numerosas para serem consideradas válidas, ainda que uma narrativa isolada pudesse aparentemente contradizê-las. A melhor maneira de provar isso seria de fato colocar sob os olhos do leitor os quarenta relatos de que dispusemos, nêles verificando suas linhas mestras. O tamanho o impede, mas as conversões narradas neste volume (8) (embora o propósito que presidiu à sua redação tenha sido o itinerário pessoal do convertido, sobretudo) incontestàvelmente servirão de ilustração fácil e comprovante, como também o seria qualquer outro conjunto mais numeroso, que realizasse essa prova na multiplicidade de indícios convergentes sôbre os quais se baseiam as ciências humanas (9). Limitar-me-ei a pôr em evidência algumas conclusões de maior destaque, referindo-as na oportunidade aos dados da Escritura e da Tradição.

A BOA NOVA

Uma primeira averiguação se impõe, fundamental. Para o convertido de 1950 como para o do primeiro século, a descoberta do Cristianismo é antes de mais nada a de uma boa nova, **a Boa Nova**. Entre homens e mulheres de tôda parte, pertencendo a todos os meios e a tôdas as culturas, vários me testemunharam isso espontâneamente, todos os disseram equivalentemente, e bastava sugerir a expressão para dêles se obter um assentimento imediato.

Descobrindo o Cristianismo é a sua "salvação" que a alma encontra. Uma salvação em que as implicações são ademais surpreendentemente diversificadas, desde a sua descoberta mais elementar, no seio de uma família espiritual, até os aspectos mais místicos de um abandono a Deus com todos os seus riscos. De tôdas as maneiras, através da Bíblia ou da vida dos santos, por intermédio de um padre ou de um leigo, pelo espanto diante do fervor ou da caridade, é o euangélion, em seu verdadeiro sentido, que se acaba por descobrir. "A paz, a alegria, a plenitude..."; "...uma descoberta infinitamente doce..."; "...tudo quanto eu sonho e tudo quanto eu poderia sonhar..."; ...para além da alegria...": eis o que êles encontram e que as palavras são impotentes para traduzir. Mas percebe-se um reflexo

---

(7) "La Présentation du Message Chrétien" — Exploração dos lugares teológicos para colocar em evidência as perspectivas missionárias do Tratado da Igreja — (Tese mimeografada do Instituto Católico de Paris, 1948).

(8) Trata-se do livro "J'ai rencontré le DIEU VIVANT" ("Les Éditions de la Revue des Jeunes", col. "Foi Vivante" 1952), conjunto de depoimentos sôbre convertidos, acompanhado de dois estudos sôbre a conversão. O primeiro, de **Maurice Nédoncelle**, Les Faits de Conversion devant la Réflexion Chrétienne". O segundo, que agora aqui reproduzimos em tradução de **René Girault** (diretor do Grande Seminário de Poitiers): "Suggestions pour une Théologie Missionnaire". Como logo se percebe, estudo feito a partir dos fatos de conversão cuidadosamente observados. Daí, a referência do autor. (N.T.)

(9) Cf. **Pinard de la Boullaye:** "Étude Comparée das Religions" (Beauchesne, 3.ª ed. 1929) — t. II, nota I, p. 509-554.

em sua fisionomia quando evocam êsse "momento" de plenitude em que acederam ao universo todo-maravilhoso da Fé. Se se procuram "constantes" na apresentação do Cristianismo, uma das primeiras a assinalar é certamente êsse caráter de Boa Nova.

Mas, isso nos adiantou em alguma coisa? A bem dizer, essa maneira de caracterizar o Cristianismo nada de novo apresenta, e pode haver quem julgue desnecessário interrogar convertidos para descobrir uma verdade tão banal. No entanto, isso merece grande atenção, pois essa maneira de ver bem longe nos pode conduzir. Implica na condenação sem apêlo de certas apresentações do Cristianismo que, sob pretexto de acentuar seu caráter de "Religião da Cruz", dão impressão ao incrédulo de que sua descoberta, se verdadeira, equivaleria no final de contas a uma **novidade ruim**.

Entenda-se bem: queremos dizer que o exame atento de numerosas conversões faz, antes de mais nada, realçar no Cristianismo a Boa Nova ou, como dizem os alemães: "Frohbotschaft", isto é, Mensagem de Alegria. Na verdade, o Cristianismo é, ao mesmo tempo e de modo inseparável, uma Cruz; assim, nada além de Jesus Crucificado quer São Paulo anunciar (10). Mas a citação de São Paulo deve ser continuada até os versículos seguintes para se mostrar que também a característica de sua Mensagem é ser definitivamente uma Boa Nova, a revelação **do que o ôlho não viu, do que o ouvido não ouviu, do que o coração do homem não sonhou, de tudo quanto Deus prepara para aquêles que o amam** (11).

A Mensagem Cristã, logo o veremos, é o Cristo e, portanto, a Cruz do Cristo. Para poder compreendê-la é preciso, entretanto, já possuir a fé. Então, mas só então, a alma consegue partilhar, por uma graça, a intimidade da Cruz de Jesus. Um Cristianismo não se separa de um certo "gôsto" da Cruz. E, ainda assim, (pois a graça da conversão não é uma cilada!), o Cristianismo não deixa de ser Mensagem de Alegria:

"Eu não encontrava consolação nem do lado do céu nem do lado da terra, escreveu Santa Teresinha; e, no entanto, no meio dessas águas de tribulação que eu invocara com tôdas as minhas fôrças, eu era a mais feliz das criaturas..." (12).

Os Cristãos devem portanto fazer seu exame de consciência e não se admirarem se seus contemporâneos procuram em outras místicas o que a Igreja, na apresentação que lhes chega, aparentemente não oferece (13).

A MENSAGEM E A DOUTRINA

Mensagem e Doutrina: essa distinção pode, à primeira vista, parecer inoportuna e até mesmo perigosa. O Cristianismo não é antes de tudo uma Doutrina e o objeto da Missão não é exatamente o seu ensinamento: **"Ite et Docete"** ?... Deixemos falar os fatos.

---

(10) **I Cor.** I, 23; cf. II,2.
(11) I Cor. II, 9.
(12) "Histoire d'une âme" (Office Central de Lisieux 1924), p. 127.
(13) Aqui podemos chamar a atenção para a carta de **Gabriel Péri**, escrita algumas horas antes de seu fusilamento como refém, onde serenamente declara estar oferecendo a vida por sua Causa, pois iria **"lá em cima cuidar de um porvir que canta"**; e ainda proclama que **"o Comunismo é a juventude do mundo"** — (Cahier du Communisme", dezembro de 1946, p. 1008). Sem dúvida, aqui se trata de uma dolorosa conseqüência do que acima foi dito.

Inversamente ao esquema proposto às vêzes pelos manuais de Apologética — onde a conversação aparece ao têrmo de uma demonstração rigorosa na qual o encadeamento lógico das verdades a crer leva sucessivamente a alma a aderir a todos os artigos de fé — ressalta do estudo das conversões que o ponto de partida é antes a adesão a uma **totalidade confusa** (precisamente a Boa Nova), a uma Mensagem imperiosa, em geral muito pobre em seu conteúdo intelectual. Elementos dogmáticos tão essenciais como a Presença real, a infalibilidade do Papa, ou até uma noção explícita da divindade de Jesus Cristo, são pràticamente ignorados. Entretanto, o ssencial é atingido e, num decorrer de um caminhar às vêzes bem longo, às vêzes curto, e que constitui propriamente a iniciação cristã, todos os elementos de Doutrina vão se colocando um a um em seu lugar. Um convertido que havia meditado sôbre seu caso disse-me ter tido a impressão de reviver em si os desenvolvimentos dogmáticos alcançados pela Igreja no decorrer dos séculos, mais ou menos como o embrião revive em si a evolução de sua espécie, tanto quanto a embriogênese reproduz a filogênese.

Pode-se pensar tratar-se de casos de pessoas simples de exigências intelectuais limitadas. Um intelectual, êste sim, quer saber onde vai... Ora, a experiência mostra que nada disso acontece: estudantes, intelectuais, filósofos, um psicoterapeuta disseram-me exatamente a mesma coisa. Não careciam de demonstração mas de esclarecimento, e alguns se divertiam com o espanto dos padres seus catequistas, quando êstes verificavam que seus catecúmenos não lhes faziam nenhuma das objeções esperadas para as quais já haviam preparado as vitoriosas réplicas da Apologética.

Não seria por um infeliz acaso que, no meu caminho, apenas se colocassem convertidos jamais embaraçados por obstáculos intelectuais ou de qualquer outra natureza? Na verdade, encontrei vários que, anteriormente à sua conversão, haviam se prendido por dificuldades e objeções diversas, às quais seria útil, ou mesmo necessário, opor os argumentos de uma sã Apologética. Com isso pretendo dizer que a descoberta da Mensagem Cristã foi para êles alguma coisa de outra natureza. As dificuldades que pudessem surgir após essa descoberta tinham sua sorte de antemão fixada, e aquelas que antes se haviam obscuramente manifestado eram, de certo modo, volatilizadas por ela. Assitia-se a uma espécie de demonstração existencial das objeções que haviam resistido às refutações do espírito. Essa também foi a conclusão de um intelectual, durante muito tempo de longe interessado pelo Cristianismo, mas detido pelas objeções de Couchoud à existência histórica de Jesus; e que, tendo descoberto finalmente a decisiva Mensagem Cristã (através de um cristão inflamado pela caridade), sem entretanto deixar de experimentar a lancinante objeção de Couchoud, sentiu-a fundir-se no seu batismo:

"O obstáculo, dizia êle, que me havia afastado do Cristianismo — a dúvida histórica da existência de Jesus — repentinamente desapareceu; compreendi sem raciocínios que a razão jamais poderia resolver o problema da fé; que isso não deveria ser encarado como um problema. Enquanto eu estava de fora, tôdas essas dificuldades se me apresentavam; agora que estou na Religião, tudo se tornou claro, de maneira inexplicável..."

São muito raros, finalmente, aquêles que só se convertem depois de aceitar, um por um, todos os mistérios da fé. E, ainda nesse caso, o mistério cristão se apresenta como alguma coisa bem diferente daquilo que seria uma espécie de soma dos outros mistérios. Lembra-me um estudante natural do Oriente-Próximo, com quem fiz certa vez a peregrinação a Chartres. Educado em uma escola cristã de sua terra, sempre fôra o primeiro

em catecismo; mas ainda assim continuava muçulmano. Alegra-me pensar que foi lá, provàvelmente — no fervor da comunidade de cristãos que o haviam convidado a essa peregrinação, tantos anos depois de suas aulas de catecismo — que pôde encontrar afinal a Mensagem Cristã que o converteu.

Testemunhei ainda um outro caso bastante singular; devo resumi-lo brevemente, pois traz um fundamento privilegiado a essa distinção entre Mensagem e Doutrina. Trata-se de uma senhora culta, bem relacionada entre escritores conhecidos. Seu lar, feliz; excelente situação. Descendente de família anti-clerical, também ela realmente o foi. Em sua casa era divertimento ironizar os padres. Um de seus parentes entretanto é missionário. Quando uma vez por ano escrevia aconselhando-lhe boas leituras, respondia-lhe simplesmente citando André Gide... Mas um dia sofreu uma conversão brusca, não hesitando em se declarar cristã, passando a ir com regularidade à Missa. Depois disso entregou-se de fato ao estudo da Doutrina. A tal ponto que o jovem padre, que a catequizara e que se preparava para licenciar-se em Teologia, se dispôs a emprestar-lhe suas aulas; e ela as devorava, conhecendo logo tão bem quanto êle, senão melhor, suas teses de Teologia dogmática. Entretanto, apesar dessa regularidade na prática, dêsse conhecimento "superior" da Religião, nada havia, segundo ela mesma o confessava, além de uma conversão a Deus, ao Deus Criador — (foi nessa ocasião que passou a admirar no miscroscópio, com o olhar renovado, as maravilhas de Deus na Criação). Ainda não descobrira o Cristo, nem os Sacramentos. "Para fazer minha Páscoa, dizia ela, sinto necessidade de ser empurrada"...

Alguns anos mais tarde teria lugar a descoberta completa e definitiva. Edificada pelo fervor de um pequeno círculo cristão, formado de pessoas bastante humildes, completamente estranhas a seu meio social e que na verdade poderiam tê-la afastado sem maiores considerações, descobria afinal o que ainda não lhe fôra dado alcançar: a desconcertante Mensagem Cristã e a vida no Cristo. Um dia, eis que se vê aboslutamente confundida, perguntando-se porque concurso de circunstâncias estaria ali como participante de uma tal reunião... Deixemos-lhe a palavra:

"Começou a reunião. Sempre me lembrarei dêsse instante. Recitavam juntos o Padre-Nosso com um tal fervor, que antes do fim da oração as lágrimas vieram-me aos olhos, enquanto eu acabava de fazer a segunda grande descoberta da minha vida. Descobrira uma comunidade cristã verdadeira, animada pela Graça e pelo amor de Jesus Cristo. Nunca vira coisa igual, nunca pensara que isso pudesse existir".

Foi o ponto de partida de uma vida verdadeiramente nova, diante da qual os anos precedentes apareciam como um pálido esbôço de vida cristã; a prática religiosa tornou-se-lhe a da Comunhão diária; sua fé, a de alguém que vive no Cristo, a fé viva que desabrocha em caridade. Escutando pela primeira vez êsse relato, fui tentado a pensar que em sua conversão inicial essa alma havia sido conduzida à vida cristã ordinária, e pela segunda a uma vida mais perfeita. Mas, voltando a conversar com a interessada, pareceu-me ao contrário que esta "segunda conversão" fôra na realidade a sua única conversão, ponto final de um itinerário muito pouco comum, onde a descoberta do Deus vivo em Jesus Cristo veio coroar o edifício das teses de uma licença em Teologia, por si mesmas insuficientes. E isso levantaria uma questão: saber se muitos cristãos de fé gregária, cujas vidas não dão a impressão de nunca haverem sido realmente atingidas pelo Mistério Cristão, não deveriam ser orientadas, não digo a uma

vida mais fervorosa, mas pura e simplesmente a uma conversão pròpriamente dita...

Em poucas palavras: em tôda conversão há um "momento" essencial que é a **apresentação** (14) — e, além disso, a acolhida — acolhida daquilo que podemos chamar, na falta de expressão mais adequada, a **Mensagem Cristã**, ou ainda o **Mistério Cristão.** Momentos antes do qual nada existe pròpriamente. Momento após o qual tudo se decida. E' em função dêsse momento que se deve organizar todo o trabalho missionário. A catequese que se lhe segue é menos um trabalho missionário que um trabalho da Igreja.

Essa distinção entre Doutrina e Mensagem também se pode observar no mecanismo de uma instituição que representa um papel de destaque na Igreja primitiva: o **catecumenato.** No catecumenato — particularmente na época da disciplina de Arcano — o ensino era de tal modo separado da primeira percepção do Ministério Cristão (que precedia o passo decisivo ,a saber a inscrição como catecúmeno) que se fazia dêle o objeto de reuniões secretas, onde as verdades da fé eram pouco a pouco desvendadas, sendo que a Eucaristia, por princípio, só era explicada imediatamente antes do Batismo. Que sabiam êles no momento em que se decidiam a se fazerem cristãos?

"Em geral, pouca coisa, responde M. Bardy; os mais fiéis dentre êles escutavam as Homelias pronunciadas no início da Liturgia eucarística... mas nada ou quase nada sabiam dos Mistérios cristãos... os outros, menos ainda..." (15).

Aceitando-se êsses pontos de vista — que uma análise filosófica poderia sustentar (pensamos nas teorias de Newman sôbre o conhecimento implícito precedendo o conhecimento explícito) (16) — chega-se a perguntar se elas não exigem uma revisão da maneira por que é concebida habitualmente a apresentação do Cristianismo. Não temos, em geral, uma tendência a considerar a evangelização das crianças ou dos adultos questão apenas de ensino

---

(14) E' significativo o depoimento de **Edith Stein.** Educada no judaísmo e, mais tarde, aluna de Hüsserl (que revolucionava o pensamento filosófico na Alemanha fundando a fenomenologia), Edith se mostrou desde cêdo uma inteligência brilhante e talvez excepcional. Na Universidade de Göttingen teve oportunidade de encontrar filósofos como Scheller e Adolph Reinach. Scheller, nessa época judeu recentemente convertido à Igreja, discorria sôbre os princípios básicos do Cristianismo, em sua lucidez e persuasão características. Foi o que revelou a Edith um novo e desconhecido universo. Constata a existência de uma ordem de fenômenos que já não podia mais ignorar, e ela própria o declara posteriormente: "—iam caindo as barreiras do racionalismo em que eu fôra criada, e via-me diante do mundo da fé, no qual viviam pessoas que eu respeitava e com as quais tinha contacto diário. Isso merecia reflexão. Com o espírito absorvido por outros pensamentos, não cogitava ainda do exame sistemático da questão religiosa. Mas ouvia aquelas idéias sem lhes opor resistência e, sem que eu o percebesse, elas exerciam em mim nova e secreta influência" — (Cf. **Lúcia Jordão Vilela**, "Do racionalismo ateu ao catolicismo" — revista "Leitores e Livros"; Agir, jan mar. 1957. (N.T.)

(15) **Bardy:** "L'enseignement religieux aux premiers siècles (Revue Apologétique, junho, 1938 — p. 18). Cf. "La Conversion au Christianisme durant les premiers siècles" (col. "Théologie", Aubier 1949).

(16) Cf. **Newman:** "Grammar of Assent" (1870). Ver **Jean Guitton:** "La Philosophie de Newman" (Boivin, 1933).

doutrinário, que se resolve por catecismos bem dados? E essa maneira de simplificar o problema não será determinante de muitos fracassos? Sem dúvida, a questão de um desenvolvimento do catecismo em proveito de uma catequese começa de fato a se propor (17); felicitemo-nos, mas tenhamos bastante cuidado: trata-se aí de um trabalho eclesiástico, posterior à conversão. Mesmo para as crianças de nossas paróquias o problema do Cristianismo não se resolve por si só, apenas com o ensino (ainda que excelente) que se acrescenta a um Batismo recebido por ocasião do nascimento: em dado momento, a apresentação da Mensagem que atrai e que impele deve ter o seu lugar.

Se nos colocamos dentro dessas perspectivas e relemos os textos de São Mateus referindo-se ao mandato de Jesus no dia da Ascensão, ordem explícita de evangelização do mundo, (remontando-se para além do **docete** ambíguo da Vulgata, até o texto grego), percebemos que o matheténsate, bem menos que um ensino doutrinário que virá a seu tempo, visa a realização de um apêlo, anúncio imperioso de uma Mensagem: "**Ide e em tôdas as nações fazei discípulos**" (18) — compreendendo, a partir de um sólido fundamento bíblico, tôda uma Teologia missionária.

(Continua)

(Trad.: Ir. M. Helena, o.p.)

(17) Assinalemos aqui o esfôrço do **Instituto Superior Catequético**, recentemente criado pelo **Instituto Católico de Paris.**

(18) **Mt**. XXVIII, 19. "Allez et de toutes les nations faites des disciples" — (N.T.) Parece que, pela primeira vez em tradução católica francesa, **Osty** adotou essa versão em sua "Traduction Nouvelle des Évangiles" (ed. Siloé, 1947). Sôbre o sentido da palavra mathetéusate e outras palavras gregas do Novo Testamento, que serão citadas mais adiante, cf. **Kittel:** "Theologisches Worterbuch zum Neueen Testament" (Stuttgart, dep. 1953).

2.° LIVRO DE CANTO GREGORIANO

(Direitos reservados)

CAPÍTULO IV

A QUIRONOMIA OU EXPRESSÃO PLÁSTICA DO MOVIMENTO RÍTMICO

Antes de se expor tècnicamente a interpretação quironômica duma peça é bom relembrar aqui certos conceitos básicos.

1. Na filosofia moderna, mover-se significa "deslocar-se", na filosofia de Aristóteles, mover-se significava "mudar". (Cf. 1.° Livro de Canto Gregoriano de M. R. Porto, O.P., p. 74 ss — 1.ª edição). Para os antigos o **deslocamento** era apenas uma das espécies do movimento; e consideravam **muito real o movimento rítmico** percebido pelos olhos, como na dansa, ou pelo ouvido, como na poesia e na música. Resumiam numa única idéia sua teoria rítmica: **a bela ordenação do movimento**. A música era a **ciência dos belos movimentos**.

2 As **artes de movimento** (poesia, música e dansa) são sujeitas à mudança: têm existência sucessiva, "distilando-se" no tempo. A mão que traça um gesto, o corpo que descreve uma curva opera um movimento. Movem-se de um ponto de partida para um de chegada, passando por pontos intermediários: **movimento visível**, movimento **local**. A voz que articula uma frase, declama ou canta, **move-se** realmente: parte duma primeira sílaba em demanda da sílaba final, passando por tôdas as sílabas intermediárias. Levanta-se, abaixa-se, vai de apoio em apoio, de repouso em repouso, até o repouso definitivo que fecha a frase, a melodia, o ritmo. O movimento não é mais local nem visível, é sonoro, vocal, mas REAL.

3 O movimento **vocal** é de natureza superior ao movimento mecânico ou animal. Eis o que diz **H. Chaignat** em **"Le Principe de la Science du Beau"**, p. 588: "O homem tem uma voz, e esta voz é a forma mais enérgica, mais pura da vida que nele está; é a repercussão, a ressonância mais profunda, mais íntima do seu ser. A voz humana se confunde tanto com o princípio vital que tôdas as línguas os identificam ou ao menos lhes fazem sobressair a profunda analogia íntima. A palavra é apenas um sôpro; mas êste sôpro é o espírito, a alma e o princípio imaterial da vida. A forma amplificada, palpável e visível, é com efeito uma condição da humanidade; mas o **movimento** é-lhe a essência, e a voz é um movimento; o movimento é imaterial e o som da voz é impalpável e imaterial".

4. **Disto decorre a explicação:**

a) da subtileza, da liberdade, do poder e dos matizes infinitos do ritmo vocal;

b) da delicadeza, da impalpabilidade, da imponderabilidade dos ictus que limitam os movimentos rítmicos, movimentos êstes também delicados, impalpáveis imponderáveis;

c) da imponderabilidade da melodia e do ritmo, tão difícil de ser compreendida pelos que sujeitam a música à única fôrça, ao compasso — à teoria do 1.° tempo sempre forte, firme, sólido; tempo forte compreensível nos movimentos materiais, p. ex., o da queda dum corpo com barulho mais ou menos violento, a cadência forte da marcha dum exército. Exemplos mate-

riais... e a música vocal ou instrumental e principalmente a música gregriana, a matéria. O movimento vocal, em especial o da melodia gregoriana muito pouco tira do material: move-se, sim, mas invisivelmente, anda com leveza: "O Belo é leve, tudo que é divino anda com pés delicados", disse Nietzsche. E não é pura e divina a arte gregoriana? Ela voa com gracioso bater de asas.

d) da potência vital espontânea, livre e inteligente que dá à voz certa espiritualidade, não a deixando mover-se ao acaso ou maquinalmente, o cantor entrega-se, exterioriza seu pensamento, seus sentimentos até em seus menores matizes. Se é senhor de sua voz, "êste a conduz com liberdade, através as qualidades de duração, de intensidade, de melodia, de expressão. Alarga os impulsos e os repousos, extende as côres, os matizes infinitos da intensidade dos sons; desdobra em mil meandros os contornos da melodia, mas **tudo isto de acôrdo com as exigências de ordem, de justa proporção** que constituem uma das suas faculdades mais delicadas, isto é, **o gôsto**, o **senso estético**".

e) que a fôrça métrica é muitas vêzes brutal ou ,ao menos, representa a animalidade e a mecânica; é necessária, não resta dúvida, pois somos corpo e alma, mas que seja uma necessidade do menos possível.

5. Na dansa, os antigos denominavam **elevatio** (arsis) o movimento ascensional, o impulso do corpo, e **positio, depositio** (thesis), a deposição, o repouso do corpo no ponto final do movimento ou em simples apoio para levantar o corpo de novo. Veja-se bem que nenhuma idéia de fôrça ou fraqueza trazem êstes têrmos: **arsis** — elevação e **thesis** — abaixamento. E só. Aplicando-se à melodia: **arsis melódica**, elevação da voz na escala dos sons; **thesis melódica**, deposição da voz provisória ou definitivamente.

6. os antigos se serviam dos gestos, de movimentos do pé e da mão para produzir os movimentos rítmicos, as ondulações rítmicas.

O Regente de orquestra que bate o compasso, faz **quironomia** (indicação do ritmo por meio da mão — tradução plástica do ritmo).

Mas Solesmes dá um sentido particular a êste têrmo, encarando não a análise, mas a **síntese das formas do ritmo.** E' a "projeção do ritmo no espaço" com o fim de obter de um côro uma execução, já não se diga só correta, mas também expressiva. A **quironomia** manifesta claramente o modo de informação rítmica de cada um dos esquemas e suas diferenças respectivas, tal qual tratamos atrás, os esquemas IV, V, VI, VII. (Cf. Revista Gregoriana n.º 10, pags. 32 ss). **Esquemas fundamentais** que em se combinando dão origem a formas desenvolvidas e perpètuamente variáveis do ritmo na frase. Nisto nada vai, com efeito, de convencional ou de abstrato na arte gregoriana. E' raro que uma forma rítmica se prolongue por muito tempo. Na verdade, é constante a renovação na "ordenação do movimento" sonoro, e isto devido à flexibilidade da linha melódica, às vêzes até caprichosa, e **sempre** extremamente móvel, libertada de tudo que possa torná-la pesada ou lhe possa contrariar a marcha.

O fim da **quironomia** é produzir pelo gesto da mão, "não sòmente a marcha rítmica e melódica da frase gregoriana, mas também suas nuances dinâmicas" (D. Mocquereau).

Deve figurar, enquanto possível, tôdas as **Ordens** que entram na composição musical:

ordem quantitativa	:	sons longos e breves;
ordem intensiva	:	sons fortes e fracos;
ordem melódica	:	sons agudos e graves;
ordem verbal	:	sílabas acentuadas e átonas;
ordem rítmica	:	impulso e repouso (arsis e thesis);
ordem agógica	:	movimentos diversos da melodia.

Podemos considerar na **quironomia** dois aspectos:

1. o aspecto material, o do traçado no papel por meio de sinais convencionais que se enrolam no texto musical, indicando as diferentes ondulações do movimento sonoro, (abraçando "num único abraço", melodia, texto, ritmo e gesto).

2. o aspecto imaterial, móvel que decorre dos gestos do Regente que quer obter do côro tal ou tal interpretação correta e viva.

O 1.º prepara o 2.º, o mais importante, e ambos só são **um**. "A quironomia é essencialmente ritmo, o qual é essencialmente 'movimento e vida'; o que está no papel é apenas o gráfico morto". D. Gajard.

"Através das curvas estilizadas do movimento sonoro, a vida só reside em estado latente, como em potência" diz M. Le Guennant.

Entretanto, não descuidemos da perfeição do **traçado quironômico** no papel, porque é coisa conhecida e abonada pela experiência, que os gestos se formarão **bem** no espaço se forem traçados **bem**, com muito cuidado, no papel ou no quadro negro. (Nas lições anteriores, — cf. a Revista Gregoriana, 2.º Livro — já viram como se traça, aqui, porém, entraremos em pequenos pormenores).

O ensino que se vai ministrar supõe um côro sólido, bem formado, ávido de perfeição (aí está! eis o que é **necessário**: avidez de perfeição!). Vamos procurar sempre exprimir aqui por meio de gestos — e do modo mais perfeito, mais artístico, mais próximo do ideal — o vôo leve da melodia litúrgica. "Não cuidaremos mais aqui de marcar passo a passo os **tempos ícticos**, binários ou ternários, embora sejam a base do ritmo gregoriano; visamos reproduzir o **Grande Ritmo**. Não percam de vista mais: o **fraseado**, o **todo**.

* * *

Não é complicado o traçado rítmico, seja no papel ,seja no espaço. Parece complicado, a nós outros, porque justamente é muito simples. E' sempre a mesma história; nós temos a arte de complicar tudo... até a vida espiritual! E francamente! Para que?

São dois os elementos fundamentais da quironomia, duas curvas traçadas em sentido oposto uma da outra: (1) Fig. 82 (Cf. o 1.º Livro de C. Gregoriano, 1.ª Ed. p. 81) (2).

A 1.ª curva é **ascendente** e se emprega para os **T.C. ársicos**; a 2.ª é **descendente** e se emprega para os **T.C. téticos**.

Para que haja unidade de movimento e se indique bem a síntese do ritmo, logo também da quironomia, estas duas curvas devem estar unidas:

---

(1) Cada vez que se traça a quironomia no espaço, tomar o cuidado de conservar a palma da mão sempre para baixo, os dedos curvos para baixo, fechados, posição de quem segura uma laranja, p. ex.
(2) Como os clichés estão presos na paginação da 2.ª Edição do 1.º Livro, não transcrevemos os exemplos, pedindo-lhes conferir, por enquanto, no próprio Livro (1.ª Edição).

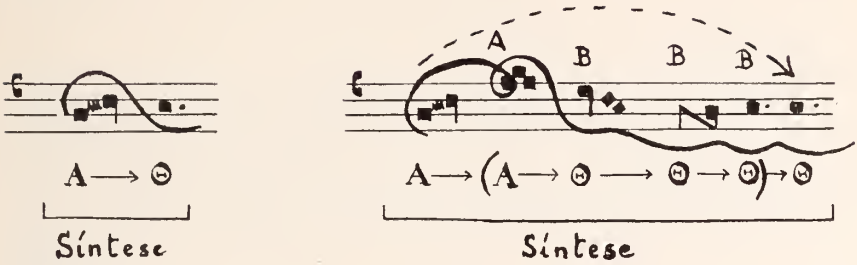


Fig. 83

E' o gesto quironômico original, fundamental. (Cf. Revista Gregoriana n.º 9, p. 40).

Já no 1.º Livro de Canto Gregoriano denominamos **ondulação rítmica silábica** a concatenação de C.R.F. (A e B) aplicadas à Salmódia. (Cf. 1.º Livro — **Elementos prosódicos — Ritmo Verbal — Encadeiamento das palavras**). E' o mesmo que **ondulação rítmica elementar**, isto é, ondulação através T. S. (sons ou sílabas), estando o 1.º em arsis e o segundo em thesis (êste recebe o ictus, naturalmente). Obedece esta concatenação aos esquemas I bis e II bis (Cf. o Quadro Revista Gregoriana n.º 7, p. 24 — "Esquemas do Ritmo Simples"). Exs:

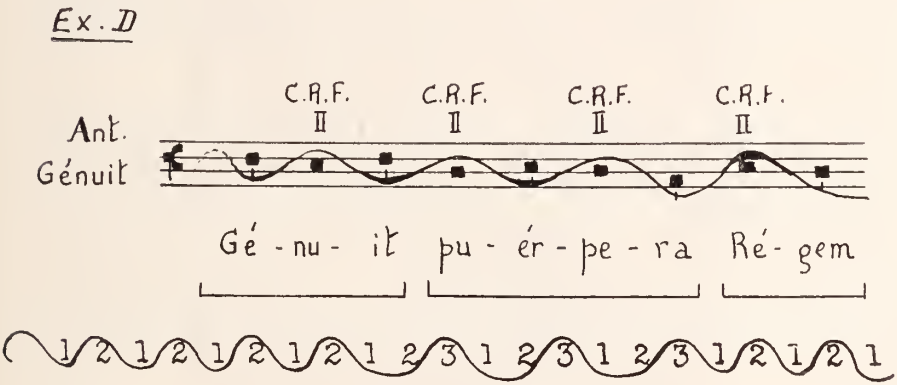


Fig. 84

O traçado quironômico acima é apenas uma simples **linha ondulante**. E' uma quironomia, diremos, analítica. A quironomia segue o ritmo **passo a passo**: isto é, vai de ictus para ictus, levantando-se o traço curvo de **arsis** por cima da 1.ª nota ou sílaba acentuada (de preferência) e passando o traço de **thesis** por baixo da nota íctica ou da sílaba final da palavra (que leva o ictus). (Muita precisão na indicação do lugar exato do levantar e no do abaixar do ritmo).

Há **tantas modificações** no traçado quironômico, quantos ictus. Pràticamente, a mão se levanta com a melodia e se abaixa com ela; levanta-se com a sílaba acentuada e abaixa-se com a sílaba final. Havendo T.C.3,

terá o traco da thesis de passar debaixo de duas notas ou de duas sílabas (que correspondem ao 1.º e 2.º tempos) e depois sobe por cima do 3.º tempo: (Cf. Fi. 84).

(Só se faz a curva completa na arsis, como está na Fig. 82, só quando se inicia um inciso — Não se deve desenhar, no papel ou no espaço, curvas muito profundas, não; deve ser uma linha ligeiramente ondulada, sem choques, calma). A intensidade da nota em arsis e do acento tônico da palavra deve ser indicada pela mão do Regente, ou por leve engrossamento do traço, para marcar um movimento um pouco mais enérgico de impulso.

(Continua)

VIDA DO INSTITUTO PIO X

15 de setembro — Após a Missa Cantada de São Pio X, da qual nossos leitores tiveram notícias na Revista n.º 23, preparamo-nos para a Missa do dia 15 de setembro na Paróquia de Nossa Senhora do Brasil — Urca — festa da Padroeira. Foi bem.

Continuamos nossos estudos e com que tenacidade, pois 7 alunas prestariam o exame — escrito e oral — de Canto GBregoriano (1.º Ano). O esfôrço foi bem recompensado, pois os exames estavam bem bons. Assim, receberam o Certificado de 1.º Ano — Ir. Maria Consolata, Maria Helena Carvalho, Maria Luiza Amarante, Lygia Noronha, Maria Lúcia Gouvêa e Ana Maria Liguori.

20 de outubro — A convite de Monsenhor Magalhães tomamos parte no canto da Missa, no Domingo das Missões, na Igreja da Candelária. As peças do Próprio estiveram a cargo, ora do Seminário São José, ora do Instituto Pio X. O Comum IV, alternado com 500 vozes das alunas de nossos Colégios. Foi regente desta Missa o Revmo. P. Amaro Cavalcanti e Albuquerque. Assim, unindo-nos a tôda a Igreja, pudemos dar aos nossos irmãos Missionários nossa oração cantada.

2 de novembro — Missa de **"Requiem"** no Cemitério de São João Batista, irradiada para todo o Cemitério.

8 de dezembro — Imaculada Conceição — encerraremos as aulas do "Instituto Pio X" com a Missa Cantada, na própria sede. Neste dia, nos diremos "boas férias", e... até **12 de março, às 17 horas**, dia da reunião geral dos alunos e ex-alunos do Instituto, na reabertura do ano letivo de 1958. Ficam convidadas, desde já, tôdas. **Reservem-nos êste dia.**

9 de dezembro — Estão marcadas para dezembro as provas escritas e orais de Canto Gregoriano, das outras alunas. Cinco alunas devem, normalmente, terminar o 1.º Ano do Curso de **Método Ward** para professores. Os exames, idênticos aos que se fazem no "Institut Grégorien de Paris", serão no fim de dezembro.

Já está funcionando o **Curso por Correspondência**. Lembramos sua existência aos Semanistas de julho pp. no Rio, e aos antigos alunos que frequentaram o Instituto Pio X e não puderam terminar o Curso, por mudança de residência.

Agradecemos a Deus por intermédio de São Pio X mais êste ano de trabalhos do Instituto Pio X que foram, certamente, abençoados.

TOMEM NOTA, POR FAVOR:

1. O próximo número da Revista Gregoriana, o n.º 25 — Janeiro-Fevereiro, só poderá sair em princípios de março, devido aos trabalhos da **Semana Gregoriana** e a do **Método Ward** que o Instituto Pio X organizou em São Paulo, como vem abaixo anunciado;
2. Queiram fazer com o cartaz sôbre estas **Semanas de Estudos**, boa propaganda dêste certame — Deus lhes pague;
3. **SEMANAS DE ESTUDO:**

Canto Gregoriano: 20 a 31 de janeiro de 1958. Inscrição — 500,00.
Método Ward: 1.º a 14 de fevereiro de 1958. Inscrição — 300,00.
Local: SÃO PAULO (CAPITAL) — Colégio Santo Agostinho, R. Caio

Prado, 232 — Caixa Postal 2848. (O Colégio não pode dar hospedagem às Semanistas, apenas o **almôço**, a Cr$ 25,00 e a **merenda**, a Cr$ 5,00).

Informações: Rio de Janeiro — Instituto Pio X, Rua Real Grandeza, 108; Colégio Sto. Agostinho, São Paulo (cf. endereço acima).

4. **SEMANA SANTA**

Está se aproximando. Comprem o disco "long-play" (RCA Victor) gravado pelo Instituto Pio X do Rio de Janeiro. Encontra-se à venda:

Rio de Janeiro:

"Instituto Pio X" — R. Real Grandeza, 108 — Botafogo;
Livraria "Lumen Christi" — Mosteiro de São Bento, Caixa Postal 2666;
Livraria "Agir Editora" — Rua México, 98-B, Caixa Postal 3291;
"Confederação Católica Arquidiocesana" — R. São José 90-21.º s/2108.

São Paulo:

Livraria "Sal" — Av. Ipiranga, 586-9.º andar — São Paulo (Capital).

5. **Assinatura da "Revista Gregoriana" e do "Pergunte e Responderemos".** Como diversos assinantes do **Centro**, do **Norte** e do **Sul** do Brasil se queixam da chegada tardia das Revistas às suas mãos, por **Correio comum**, propomos, a quem o pedir, um aumento de quota de assinatura:

REVISTA GREGORIANA ..... Cr$ 130,00
PERGUNTE E RESPONDEREMOS Cr$ 100,00

e mandaremos estas Revistas por AVIÃO.

"ECOS MARIANOS"

da Basílica Nacional de Aparecida. O anuário católico de maior circulação no Brasil. Grande variedade de contos, reportagens, coisas práticas, instrutivo, noticioso, distrativo e fartamente ilustrado. Já saiu o n.º de 1958. 1 exemplar pelo correio, registrado: Cr$ 45,00. Desconto especial para revendedores.

Pedidos: Oficinas Gráficas — Santuário de Aparecida — Est. de São Paulo.

O "SANTUÁRIO DE APARECIDA"

E' o jornal de Nossa Senhora Aparecida e por isso todos gostam dele. Sai tôdas as semanas e fica em Cr$ 60,00 por ano. Peça algum exemplar de amostra e ficará certamente contente.

Nosso endereço: Redação do "Santuário" — Rua Oliveira Braga, 64 — APARECIDA — ESTADO DE SÃO PAULO — E.F.C.B.

PEDIMOS A COLABORAÇÃO DE NOSSOS ASSINANTES

para se fôr possível, verem se os dois anúncios abaixo podem ser inseridos nalguma REVISTA ou JORNAL de sua Cidade, a título de propaganda. Será colaboração de valor inestimável para com os movimentos gregorianos de "nosso" Instituto Pio X do Rio de Janeiro.

Deus lhes pagará.

DESEJA QUE EM SUA PARÓQUIA TODOS PARTICIPEM DOS OFÍCIOS, **INCLUSIVE DO CANTO?**

Faça, então, propaganda das DUAS SEMANAS DE ESTUDO DO CANTO GREGORIANO, QUE O "INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO" REALIZARÁ NAS FÉRIAS DE VERÃO DE 1958, EM SÃO PAULO (Capital)

a) **Semana de Estudo de Canto Gregoriano e Dicção** — realizar-se-á de 20 a31 de janeiro de 1958 — Preço da inscrição: Cr$ 500,00.
b) **Semana de Estudo do "Método Ward"** — que permite aos professores dar aos seus alunos verdadeiro conhecimento da música geral (êste método faz amar principalmente as melodias gregorianas). — Realizar-se-á de 1.º a 14 de fevereiro de 1958 — Preço da inscrição: Cr$ 300,00.

LOCAL — Estas duas Semanas de Estudos serão realizadas no:
Colégio Santo Agostinho — R. Caio Prado, 232
Caixa Postal 2848
SÃO PAULO (CAPITAL)

Para outras informações: Dirijam-se, em São Paulo, ao endereço acima, e no Rio de Janeiro, ao Instituto Pio X, rua Real Grandeza, 108 — Botafogo Tel. 26-1822

NOTA: O Colégio Santo Agostinho não pode dar hospedagem às Semanistas, apenas o **almôço** a Cr$ 25,000 e a **merenda** a Cr$ 5,00.

UM BOM PRESENTE PARA SACERDOTES, RELIGIOSAS, SEMINARISTAS E LEIGOS
APROVEITE ESTA OFERTA:
SEMANA SANTA EM DISCO

Música Gregoriana — Côro do "INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO"
"LONG-PLAY" com 22 peças
Gravação RCA Victor

Canto Gregoriano regido por D. João Evangelista Enout, O.S.B.
Preço — Cr$ 300,00 — mais o porte

À venda: **No Rio de Janeiro:**
"Confederação Católica Arquidiocesana" — R. S. José, 90 — Sala 2108 — 21.º Andar.

Livraria "Lumen Christi" — Mosteiro de São Bento — Caixa Postal, 2666.
"Instituto Pio X do Rio de Janeiro — R. Real Grandeza, 108 — Botafogo — Tel. 26-1822.

Livraria "Agir Editôra" — R. México 98-B — Caixa Postal 3291.
Em São Paulo (Capital):

Livraria "Sal" — Av. Ipiranga, 586 — 9.º andar.
Livraria "Agir Editôra" - Rua Bráulio Gomes, 125 - loja, 2 — C. Postal 6040.

Em Belo Horizonte (Minas):
Livraria "Agir Editora" — Av. Afonso Pena, 919 — Caixa Postal 733.

AVISO aos alunos do Curso por Correspondência: não serão corrigidos os exercícios nos mêses de janeiro e fevereiro, em substituição dos mêses de novembro e dezembro, por êste ano.

"Pergunte e Responderemos"

Com êste título existe uma Caixa Postal destinada a fornecer esclarecimentos sôbre assuntos filosóficos e religiosos.

As respostas estão a cargo de D. Estêvão Bettencourt O.S.B., são publicadas mensalmente em um fascículo de cêrca de quarenta páginas, remetido direta e gratùitamente a todo autor de pergunta. A edição dos fascículos se faz sob o patrocínio do Instituto Pio X do Rio de Janeiro (Rua Real Grandeza, 108) onde se acham em depósito.

Queira, pois, cada correspondente indicar o respectivo endereço e pseudônimo.

INFORMAÇÕES

• Tudo que se refere à **REDAÇÃO** deve ser endereçado ao Revmo. D. Estevão Bettencourt O.S.B., Caixa Postal 2.666 — Rio de Janeiro ou "Pergunte e Responderemos", Caixa Postal 2.666 — Rio de Janeiro.

• O que se refere à **ADMINISTRAÇÃO** deve ser endereçado à **Diretoria do Instituto Pio X do Rio de Janeiro**, Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Tel. 26-1822.

• A assinatura é anual (de Janeiro a Janeiro): Cr$ 70,00. Número avulso: Cr$ 10,00.

• **Depósitos: Rio de Janeiro:**

Instituto Pio X do Rio de Janeiro — R. Real Grandeza, 108 — Botafogo.
Livraria "Lumen Christi" — Caixa Postal 2.666;
Livraria "Vozes Ltd." — R. Senador Dantas ,118-A;
Livraria Missionária — R. 7 de Setembro, 65-A;
Livraria Agir — Caixa Postal 3.291;
Livraria Dom Bosco — R. da Glória, 106.

• **São Paulo:**

Casa Isnard & Cia. S. A. — Av. São João, 1140.

• **Rio Grande do Sul:**

Livraria Tabajara — C. Postal 1918 — Pôrto Alegre.

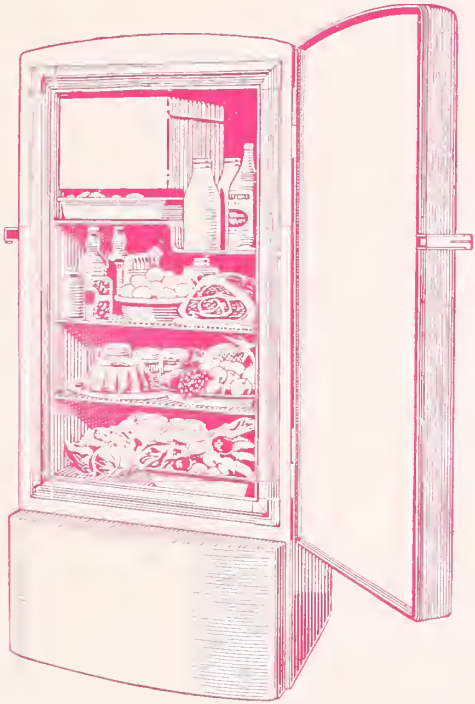
• **Minas Gerais:**

Livraria Editôra "Lar Católico" — C. Postal 73 — Juiz de Fora.

Refrigeradores

Climax

para o conforto no lar!



Agora, equipados com o novo compressor P-91, fabricado sob licença da Tecumseh Products Co., o refrigerador Climax dá maior rendimento com menor consumo

O novo compressor garante funcionamento perfeito e silencioso

fabricados e garantidos pela IND. PEREIRA LOPES S/A
S. Carlos - Est. S. Paulo

COMPRESSOR P-91

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

Para o Estado de São Paulo e o Sul:
Isnard & Cia. S.A.
COMÉRCIO e INDÚSTRIA
Av. São João, 1140 • Tel 35-4151 • São Paulo

Para o norte
J. Isnard s.a.
COMÉRCIO e INDÚSTRIA
Rua Buenos Aires, 113 • Rio de Janeiro

PRINCÍPIO

e

FIM

For use in Library only

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9213

For use in Library only